



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Instituto de Ciências Sociais
Curso de bacharel em Antropologia

**ENTRE ROCHAS E MUROS:
etnografia da escalada no Distrito Federal**

Luisa Resende de Carvalho

Orientador: Carlos Emanuel Sautchuk

Brasília
2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

**ENTRE ROCHAS E MUROS:
etnografia da escalada no Distrito Federal**

Luisa Resende de Carvalho

Orientador:
Carlos Emanuel Sautchuk

Monografia de graduação apresentada ao Departamento de Antropologia – DAN – da Universidade de Brasília – UnB – como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharel em Antropologia.

Brasília
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Departamento de Antropologia
Curso de bacharel em Antropologia

Monografia de graduação apresentada ao Departamento de Antropologia – DAN – da Universidade de Brasília – UnB – como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharel em Antropologia.

**ENTRE ROCHAS E MUROS:
etnografia da escalada no Distrito Federal**

Luisa Resende de Carvalho

Aprovado por:

CARLOS EMANUEL SAUTCHUK
Professor Orientador

Brasília
2013

DEDICATÓRIA

À minha família: por todo apoio e motivação.

À minha mãe, Silvia Renata, e ao meu pai, Antonio Carlos.

Ao meu irmão, João Pedro, e à minha irmã, Letícia.

À minha avó Wanda e à minha avó Silvia.

Ao meus avôs Antonio e Fernando,

Aos meus primos e tios, em especial ao meu primo Felipe e,

aos meus tios José Guilherme e Paulo Vitor.

Aos meus amigos e amigas que são irmãos e irmãs,

Obrigada, sem vocês nada faria sentido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo, ter me proporcionado o encontro com a escalada e às consequentes experiências, sensações, amigos e viagens que alimentam e norteiam meu espírito dia após dia. Agradeço todos que preocuparam-se com essa monografia e me perguntaram insistentemente sobre a sua conclusão.

Agradeço em especial ao meu amigo Pedro Raphael, quem me ajudou durante toda a pesquisa, por seu carinho e paciência. Aos amigos Rodrigo Lopes, Rafael Passos e Zé Roberto pela disposição e solicitude em me ajudar. A todas as pessoas maravilhosas que conheci por meio dessa atividade.

À minha família, pelo apoio e pela motivação.

Ao meu orientador, Carlos Sautchuk. A todos os meus professores da graduação, em especial às Professoras Doutoras Soraya Fleischer e Carla Costa Teixeira.



Três Picos – Cocalzinho – GO. Foto da autora. 2013.

CLAMOR SUPREMO

Vem comigo por estas cordilheiras!
Põe teu manto e bordão e vem comigo,
Atravessa as montanhas sobranceiras
E nada temas do mortal Perigo!

Sigamos para as guerras condoreiras
Vem, resoluto, que eu irei contigo.
Dentre as águias e as chamas feiticeiras
Só tenho a Natureza por abrigo.

Rasga florestas, bebe o sangue todo
Da Terra e transfigura em astros lôdo,
O próprio lôdo torna mais fecundo.

Basta trazer um coração perfeito,
Alma de eleito, Sentimento eleito
Para abalar de lado a lado o mundo!

Cruz e Sousa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Percursos metológicos.....	11
2 A ESCALADA E O MONTANHISMO.....	13
3 MODALIDADES: aspectos históricos.....	17
3.1 As modalidades e suas peculiaridades.....	21
4 O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO	29
4.1 O contexto nacional	37
5 AS NATUREZAS DA PEDRA: a construção de um imaginário	41
6 A PEDRA, O CORPO E A MENTE: faces de uma relação	51
7 O CENÁRIO DA ESCALADA LOCAL: do muro à pedra	59
7.1 Cocalzinho	67
8 ESCALADA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO.....	73
9 CONCLUSÃO	81
10 REFERÊNCIAS.....	82
11 ANEXOS	90

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como eixo a escalada. O “pedaço” da escalada em Brasília é a base com a qual dialogo: um cenário vital para a lógica das minhas concepções. Os muros de escalada e alguns locais de escalada em rocha próximos à cidade, principalmente Cocalzinho, são espaços medulares sob os quais esse trabalho se edifica.

A primeira intenção era abordar a escalada em Brasília, mas logo percebi que precisaria desenvolver uma base conceitual e histórica, sem as quais meu pensamento não poderia germinar. Principio por um enquadramento amplo para depois abordar as particularidades: do “mundial” ao “local”. Inicio com a familiarização com os termos e um esclarecimento conceitual e histórico. Em seguida passo à etapa etnográfica, sobre as percepções dos escaladores e sobre a escalada em Brasília, e finalizo com um breve capítulo sobre a prática dentro de unidades de conservação (UC's),

Apresento um panorama teórico, mas em nenhum momento ambiciono propor uma concepção única e selada. Reconheço a mutabilidade e a multiplicidade como características fundantes desse fenômeno social e, principalmente, o meu papel como “curadora” dessa história. Ao longo dos capítulos alguns assuntos são recorrentes como o imaginário acerca da natureza e as diferentes percepções sobre a escalada em ambientes naturais e em ambientes artificiais (os muros).

Escolher as investidas de pesquisa foi um esforço construtivista e gradual. As ideias surgiram a partir de outras, de outros, de uma investida mental contínua e lenta. As entrevistas, feitas com meus amigos da escalada, são os verdadeiros pilares desse intento. As falas foram fundamentais não só para “ilustrar” minhas concepções como para fundamentá-las. Pedro Raphael, José Roberto, Rafael Passos, Rodrigo Lopes, Rodrigo Aguiar, Gabriel Azevedo, Luiz Henrique, José Dejair e Lucas Marques foram os amigos que me concederam entrevistas gravadas. Entre eles, alguns aparecem de forma recorrente ao longo da pesquisa:

- Pedro Raphael Medeiros – Hoje, é presidente da atual associação, a Associação de Escaladores do Planalto Central (AEP). “Comecei no meio do ano 2000 (...) eu era aluno do Bera. (...) Ninguém tinha noção do que era agarra... a pega... o nome.. o estímulo que cada

agarra dava pro teu corpo. Era uma coisa assim... de ver o outro escalando na foto, no vídeo e fazer igual... E aprender como botar a chapeleta ou o grampo e escalar... Só que na época que eu fui passei oito meses escalando no muro, pra depois escalar em rocha...”

- Rafael Passos – Rafinha é uma das pessoas que mais abriu *boulders* em Cocalzinho. “Eu comecei a escalar em 2001, mas comecei a ir mesmo pra Cocal mesmo em 2002... um ano depois, em 2003 eu comecei a ir direto.”
- José Roberto Pacheco– Zé Roberto é o escalador que conheço que mais tem experiência em escaladas de paredes. Escala há cerca de dez anos. ‘No começo eu escalei muito *boulder* (...) Ia muito pra Cocal.”
- Rodrigo Branco Lopes – Bera é dono da Ibiti, meu professor e amigo. Quem disponibilizou suas fotos de álbuns pessoais para esse trabalho. “Eu nasci em Brasília, em 1974... e na verdade, eu sempre gostei dos esportes, desde que eu era criança. (...) Aí eu comecei, na verdade, eu comecei a escalar com o Alessandro e o Ceará, são dois “*broders*” meus que eu tenho até hoje, como amigos. E a gente começou a escalar na verdade querendo ir pro mato assim, acampar e tal, a gente nem sabia o que era escalada. Escalada até então quase que não existia e essa foi a ideia. O Alessandro fez um curso de técnicas verticais, a gente começou a fazer um rapelzinho. Aí conheceu o muro da UnB. E aí começou isso em... acho que era 92 mais ou menos.”
- Luiz Henrique Schaefer – Neymar começou a escalar há dois anos, mas hoje vive a escalada como estilo de vida. “Pra mim já deixou de ser esporte há muito tempo. Pra mim, eu levo a escalada como um estilo de vida.”

Os entrevistados estão cientes que seus nomes fazem parte de uma história, e é essa história que pretendo contar a partir de uma percepção antropológica. Com exceção de Rodrigo Lopes, todos tem em comum o fato de terem se iniciado na escalada em Cocal. A escalada existe como realidade individual, e como um “meio”. Cada praticante tem um objetivo e uma motivação particular para escalar, mas essas pessoas, unidas por um anseio e por meios em comum, acabam compartilhando valores e discursos.

1.1 Percursos metodológicos

O que irei apresentar nas próximas linhas é produto da minha vivência enquanto escaladora e antropóloga, uma teia construída e interpretada por mim, a partir de uma base teórica e prática. As obras lidas e as citadas ao longo da pesquisa, os registros etnográficos, a minha própria experiência e ponto de vista, e principalmente, as entrevistas concedidas por amigos foram substanciais para construção do meu raciocínio. Tratar sobre escalada é lidar com um foco em que a condição de pesquisadora está imbricada à condição de “pesquisada”. O *campo* com o qual estou lidando é parte da minha própria existência.

Há dois anos, Johannes Bodens, quem conheci por meio de minha amiga Fernanda Carvalho, me proporcionou os primeiros contatos com a escalada em rocha. A primeira vez que escalei uma pedra me trouxe a certeza absoluta que faria isso pelo resto da vida. A sensação de superação, a plenitude da natureza, o contato com rocha, o esforço físico, o medo e a adrenalina se uniam em uma explosão de sensações que me faziam perguntar o porquê de não ter conhecido isso antes. Mas por diversos motivos abandonei os treinos e as idas *à pedra* por um ano e só fui retomar no início de 2012.

Ano passado vivi experiências inesquecíveis. Foram inúmeras idas a Cocalzinho, algumas viagens e vários amigos. Esse ano entrei para a Associação de Escalada do Planalto Central (AEP) e a imersão nesse universo aumenta a cada dia. Dissertar sobre esse tema é uma motivação política, como membro dessa Associação, e passiona. Essa monografia é fruto do meu esforço em registrar o que considero uma manifestação histórica, cultural e multifacetada.

Processar e sistematizar antropológicamente a minha própria realidade foi um desafio constante. Busquei não colocar uma lupa sobre as pessoas que convivo, mas encontrar focos ouvindo o que o campo tinha a dizer. Compartilho um trecho de Julia Otero dos Santos em seu artigo sobre a patrimonialização do *ayuaska* a fim de traduzir a minha constante preocupação ao redigir essas linhas:

estender a ideia de cultura para esse universo, ou como diria Wagner, metaforizar a vida em cultura – descrever em termos desse conceito o que para alguns é simplesmente vida (SANTOS, 2010, p. 16).

Em muitos momentos me vi diante de verdadeiras encruzilhadas mentais, creio que pelo fato de ser praticante da atividade. Existe uma infinidade de termos e significações processados a partir da minha própria experiência que muitas vezes me confundiram. Foi preciso “desnaturalizar” muitas ideias. Expor o que é a escalada e o montanhismo é “um compromisso ideológico”, em muitos sentidos e com variados graus de alcance:

Como nos ensina Wagner (1981), os significados são função dos modos pelos quais criamos e, por outro lado, experimentamos contextos, vindo a existir, portanto, somente em relação. Consequentemente, não existem significados primários. A operação de definir ou estender uma palavra ou um elemento simbólico é a mesma, ou ainda: “todo uso de um elemento simbólico é uma extensão inovadora de associações adquiridas por meio da integração convencional a outros contextos” (p. 39). Logo, os significados primários são definidos de acordo com a importância e prioridades determinadas socialmente, o que leva o autor a afirmar que a definição primária é um compromisso ideológico (SANTOS, 2010, p. 4).

Todas as minhas concepções passam pelo prisma do meu “comprometimento ideológico”, conceitual, e consequentemente valorativo, mas que foi e é construído em grupo. As variações da escalada que tive mais contato até hoje são a escalada esportiva e o *bouldering*, e a oportunidade de uma pequena experiência com o *psicobloc*, no Poço Azul, e com uma via de *parede*, em Unaí.

As reflexões são iluminadas por livros, teses, artigos, reportagens e conteúdos retirados de *sites* da internet. Alguns desses, alicerces das minhas ideias durante todo o desenvolvimento do trabalho, são citados inúmeras vezes: dois artigos de Cleber Dias intitulados *Esporte e ecologia: o montanhismo e a contemporaneidade* e *Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais*, sendo o segundo feito sob a coautoria de Victor A. de Melo e de Edmundo D. Alves Junior. Norteadores também foram o primeiro e o segundo capítulo do livro *Escale melhor e com mais segurança*, de Flávio e Cintia Daflon, as ideias de Macfarlane no livro *Montanhas da mente* e as obras de Alcyane Marinho e Kássio Vinicius Gomes: *Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva* e *A escalada em Belo Horizonte -MG: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do habitus*.

2 A ESCALADA E O MONTANHISMO

Compreender o que é a escalada e o montanhismo é decisivo para o desenvolvimento deste trabalho. As definições encontradas no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004) são frutíferas aos esclarecimentos introdutórios:

Alpinismo. [Do fr. *alpinisme*.] **S. m.** Montanhismo.

Montanhismo. [De *montanha* + *-ismo*.] **S. m.** Esporte que consiste em subir montanhas, escalando (v. *escalada*) ou caminhando; alpinismo.

Escalada. [Do fr. *escalada*, poss.] **S. f. 1.** (...). **2.** Esport. Esporte que consiste em escalar montanhas e paredões artificiais, especialmente preparados. (...)

Essas definições ilustram uma confusão latente entre os termos. Alpinismo e montanhismo são definidos como sinônimos e “escalada” é definida como uma ação (escalar) e como um esporte. A escalada pode ser apreendida em conexão com o montanhismo, seja como uma ação (o ato de escalar uma montanha) ou como um sub-universo.

Nessa pesquisa, a escalada é apreendida em sua singularidade enquanto um fenômeno social contemporâneo. As palavras montanhismo, alpinismo e escalada não são empregadas para designar a mesma atividade, mas em alguns contextos, evocam os mesmos valores, principalmente em relação aos princípios éticos e institucionais.

O “senso comum” muitas vezes não dispõe de explicações claras sobre essas atividades. Mas não só o senso comum, os próprios praticantes, as teorias, as técnicas, os valores e as concepções estão, ora mesclados, ora separados. Em diversas partes do mundo, em variadas épocas e culturas certamente existiram exímios escaladores:

Eu acho que é uma atividade primata, que vem de muito tempo, ela pode ter se oficializada na década de 70, mas antes disso, as pessoas já subiam por necessidade... (Gabriel Azevedo, entrevista 01).

Rafael Passos também aponta a escalada como uma habilidade intrínseca ao ser humano:

Eu vejo a escalada mais como um meio de locomoção, como caminhar, é uma coisa que está inerente na gente... Correr, pular, saltar, andar... lá na Educação Física.... trepar é uma delas, escalar.... é inerente ao ser humano... (Rafael Passos, entrevista 01)

A escalada pode ser apreendida sob diversos ângulos. Em um primeiro momento, debruço-me sob o processo ocidental marcado pela *esportivização*, pela *institucionalização* e pela *atletização* dessa atividade. A espetacularização, a organização institucional, o crescimento do mercado, o aumento dos atletas profissionais e muitos outros fatores configuram um cenário globalizado e integrado.

Variados referenciais teóricos abordam o montanhismo como qualquer atividade na montanha, incluindo caminhadas, *trekking*, acampamentos entre outros. No entanto, dentro do “universo das rochas”, a prática revela que o montanhismo é a *cultura da montanha*, e que *ser da montanha* carrega muitos significados e simbolismos:

A gente acha que tem dois, três aí que é mais rocha “num sei quê, carrega o mochilão”. A galera da montanha é muito rochedo, muito, muito. É uma energia vital diferente. O cara emana energia, assim... Tem energia pra dar e vender... é diferente... (Zé Roberto, entrevista 01).

Não se caracteriza escalador como um montanhista, hoje, as variações são tão grandes... você pode dizer que você é um escalador, mas ou você é um montanhista, ou você é um boulderista, ou você é escalador esportivo, por exemplo os “*broders*” que eu conheci na Venezuela treinam oito horas por dia (...) o cara não escala na pedra, não gosta, só escala no muro, você vai falar que ele é o quê? Competidor, é um escalador de competição... Escalador de... isso, escalador disso, escalador disso (...) (Pedro Raphael, entrevista 02).

Passar vários dias, ou várias horas, subindo envolve uma logística e um preparo que estão além das habilidades técnicas e da força:

Uma coisa que diferencia muito entre o montanhismo e a escalada atual... a sensação de solidão. Quanto maior a sensação de solidão na modalidade, menos pessoas vão estar fazendo... é diretamente proporcional, sabia? Essa questão da solidão, você escalar uma montanha virgem, ficar muito tempo sozinho, passando muita coisa na sua cabeça, ou muito *veneno*, ou muito prazer. O ser humano é um ser social, que compartilha, e na escalada você também compartilha muito, mas você tem muita solidão, se você faz um *big wall* isolado, ou uma coisa assim. Então é uma introspecção muito grande... E você pode fazer essa relação da solidão da escalada, do montanhismo com a escalada democrática, da “Babilônia” mesmo... Isso aqui é a “Babilônia”, *climb* Babilônia, se você parar pra pensar o muro é “Babilônia” “mór”, a raiz mesmo é a montanha, sozinho, “I and I”... mas é a democracia de uma atividade muito complexa. (Pedro Raphael, entrevista 02).

Os discursos sugerem que o montanhista, via de regra, é escalador, mas nem todo escalador é montanhista. Em uma primeira conversa com Zé Roberto propus uma abordagem

“evolutiva”, em que o *bouldering* estaria em um extremo oposto ao montanhismo. Isso o incomodou, e ele logo me rebateu dizendo que “não existe isso, tudo é escalada”. Apesar de ter percebido o meu raciocínio simplista, em cada modalidade estão em jogo diferentes fatores. Não acho que se trate de uma categorização gradual ou evolutiva das modalidades, mas percebo que cada uma demanda níveis diferentes de comprometimento mental, corporal e técnico, como ele mesmo afirma:

(...) o montanhismo é um negócio totalmente completo. O cara pra ser montanhista e fazer tudo, ele pode não ter o grau alto, mas ele tem que escalar de *boulder* a tudo. Diferente de quem só escala *boulder*, eu vejo o negócio bem numa escala mesmo. Não de hierarquia, mas de complexidade, de quantidades de técnicas envolvidas. O cara que escala gelo em alta montanha, chega lá em cima e tem rocha, tem que botar peça, o cara tem que saber escalar tudo (...) (Zé Roberto, entrevista 01).

Categorizações simplistas podem ser feitas para que as principais diferenças entre as modalidades sejam visualizadas. A escalada pode ser dividida e subdividida em muitas categorias. A primeira divisão, já explorada anteriormente, diz respeito ao montanhismo e à escalada. A segunda divisão pode ser feita entre a escalada em ambientes naturais e a escalada em ambientes artificiais. Os ambientes artificiais são simulacros. Atualmente, existem muros de gelo e muros mistos, mas a grande maioria são estruturas de madeira em que “agarras são fixadas às paredes formando caminhos de diferentes níveis de dificuldade.” (Marinho, 2001, p. 30).

Uma terceira categorização diz respeito as modalidades praticadas em ambientes naturais, a escalada em rocha pode ser praticada com corda ou sem corda. O *bouldering* e o *psicobloc* são praticados sem corda, não existem proteções na rocha. *Boulder* significa blocos, são pedras baixas, em a queda é amortecida por colchões, já o *psicobloc*, independente da altura, a queda é na água. As demais modalidades envolvem a segurança com corda, são as *vias*. Em ambientes artificiais pratica-se o *bouldering*, sem corda, e a *escalada de vias*, com corda.

A escalada em ambientes naturais subdivide-se em muitas categorizações e abarca uma quantidade significativa de termos. Não existem regras fixas e procedimentos únicos, e sim uma história complexa que envolve seres humanos, técnicas e tecnologias em diferentes ritmos.

Flávio e Cintia Daflon no segundo capítulo com título “Modalidades” do livro *Escale melhor e com mais segurança* pontuam que “cada um escolhe o que mais lhe agrada e melhor se

enquadra a sua aptidão física. Isso não quer dizer no entanto que não se possa praticar mais de uma modalidade de escalada”. (2004, p. 53) Cada escalador vivencia a escalada de forma única, e constrói suas experiências, opiniões e preferências também de forma singular e contínua:

A zona de conforto dele, de dor, de prazer, de conquista, genética, pré-disposição, dinheiro, fatores familiares, a sociabilidade da pessoa, vai levar ela a chegar a algum lugar, a alguma via, a alguma modalidade... Família, se o cara tem uma mulher que não deixa, ele nunca vai fazer uma *trip* de três meses... (Pedro Raphael, entrevista 02)

3 MODALIDADES: aspectos históricos

Alcançar grandes cumes foi o início de tudo. Uma forte motivação científica e nacionalista impulsionou a ascensão dessas montanhas, no entanto, a atividade desenvolveu-se em inúmeras direções. Pedro Raphael expõe didaticamente a complexidade desse movimento:

O montanhismo é subdividido. Dentro do montanhismo tem o *trekking*, a escalada livre, a escalada em artificial... O montanhismo, você vai ter os estilos de montanhismo pelo mundo. Escalada alpina, nos Alpes, alpina é lá na Europa. O alpinismo é o montanhismo. “Ah, eu faço Alpinismo.” Você faz alpinismo porquê você está escalando nos Alpes. Aqui é a cordilheira do Andes, né? A nossa, é o andismo. Tem o do Himalaia, himalaíso. Esses são a essência do montanhismo mesmo. Depois que você subdivide o montanhismo em cada lugar, você já começa a não ter mais neve... Assim, aquele lance da montanha... as coisas já ficam menores. Aí você já começa a ter a escalada em livre, em rocha, os *big walls* e tal. Do *big wall* você vai diminuindo, é mais ou menos isso que rolou. Do *big wall* “neguinho” começou a escalar na pedra, em falésia, pra poder ter mais força, pras vias e tal... (Pedro Raphael, entrevista 02)

Há uma dimensão que relaciona dialeticamente os avanços técnicos e os tecnológicos, ou seja, as capacidades e habilidades dos escaladores e a adaptação dos equipamentos:

(...) na realidade toda técnica é historia embutida. Através de objetos, a técnica é historia no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram sua operação (SANTOS, Milton apud MARINHO, 2006, p.67).

Existem muitas discussões e apontamentos que poderiam ser feitos em torno da *conquista*. Ao *conquistar* uma via o conquistador instala proteções na rocha. Esses aparatos são centrais na história da escalada em rocha, principalmente com relação à atletização:

O grampo P é uma invenção brasileira e ponto de partida de nossa cultura de montanha. Sua utilização e desenvolvimento ao longo do século XX representam a afirmação de uma forma de conquistar e escalar própria. O grampo P foi criado pelo conquistador do Dedo de Deus, José Teixeira Guimarães em 1912, como proteção fixa. Os europeus, mais precisamente os alemães, só criaram seu grampo fixo na década de 1940. Até esta data eles usavam píttons, vindo a fabricar a chapeleta para escalada em rocha muito tempo depois dos brasileiros terem criado o grampo, ainda que fossem na época os melhores escaladores do mundo. Alguns dos 22 grampos do ferreiro pernambucano Teixeira Guimarães fixados no Dedo de Deus estão ainda sendo utilizados por todos que repetem a via de conquista, há exatamente 88 anos, sem quebra ou mortes (CÉSAR, 2013).

Atualmente, as proteções podem ser fixas, móveis e naturais. As proteções impedirão que o praticante, em caso de uma queda, venha a atingir o solo. A medida que sobe, o escalador passa a corda por esses pontos de proteção, *livrando a queda*. A história das proteções e história da percepção dos escaladores sobre as proteções, é a própria história da escalada:

Nisso a galera sempre escalou muito em artificial, escalava em artificial de escada, botava vários “P’s” pra ir travando nos “P’s”... Aí o artificial evolui, evoluiu e ficou esses trequinhos, escalando nos *cliff*, evoluiu pra esse lado. E a escalada em livre foi começando a ser mais atlética, e antes você escalava livre em móvel, muito em móvel, aí depois com os pítons, bate os pítons... Começou a colocar proteção fixa e a aumentar a dificuldade da escalada, aí virou a escalada esportiva. Aí tem a escalada em gelo, que vem do montanhismo, a escalada em gelo se esportivizou assim como a escalada esportiva. Aí tem aquelas cachoeiras, paredes negativas de gelo, esportivo do gelo, que é o montanhismo “*hard*” ali, da montanha “*hard*”, o atlético. Aí com a evolução da escalada em livre, neguinho começou a fazer campeonato na pedra, e depois começou a fazer no muro. (...) Aí veio a parada do *boulder*, que quanto mais distante vai ficando da essência do montanhismo, de subir montanha, mais democrático fica, porquê mais acesso você vai ter, menos risco, mais barato, menos tempo de duração, por isso que o *boulder* é parada que todo mundo quer. É acessível a todo mundo, é o mais barato... e um *boulder indoor*, o auge da democracia da escalada é isso... Essas são as modalidades... (...) (Pedro Raphael, entrevista 02).

Como Pedro observa, a escalada em artificial é quando as proteções são usadas como pontos de apoio, em que o escalador se ergue ou pisa. Muitos cumes foram conquistados valendo-se de cabos de aço, varas de bambu, degraus, enfim, subia-se como fosse viável. A partir da segunda metade da década de 60 os cabos de aço caíram em desuso e foram gradativamente removidos de muitas vias. (DAFLON, 2010, p. 29). A remoção dos cabos de aço marca a congruência histórica de novos ideais:

Uma escalada que marca bem este período foi a conquista do Paredão IV Centenário (4º IVsup, 170m), em 1965, no Morro da Babilônia, por Giuseppe Pellegrini, Carlos Carrozzino, José Luiz Barbosa, Cláudio Vieira de Castro e Etzel Von Stockert, todos do Cerj. Apesar de ter sido cabeada para permitir uma ascensão mais rápida aos futuros escaladores, ela foi conquistada com cordas de náilon e em livre, ainda que com apoio nos grampos, pois naquela época não havia a preocupação de não se pisar ou segurar nos grampos. *Antes mesmo do final da década os próprios conquistadores removeram os cabos de aço que havia. O IV Centenário é um bom exemplo da transição do uso de cabos para a escalada em livre nas paredes com agarras. Ela marca também o início do que foi chamado na época de “rochedismo”, a escalada de paredes sem o objetivo de se alcançar o cume.* (DAFLON, 2010, p.29)

Uma conjunção de fatores, entre eles o ambientalismo e o surgimento de movimentos pela *escalada em livre*, culmina com a estabilização desses termos. O *artificial* passa a designar uma categoria por oposição à *escalada em livre*:

Na moderna concepção do esporte significa, não se utilizar, de forma alguma, dos pontos de segurança (grampos, pítons, *nuts*, cunhas, etc.) para auxílio direto na progressão do escalador, reservando-os apenas para proteção caso uma queda venha a ocorrer. Isso implica não pisar nem segurar neles, tanto para impulso quanto para equilíbrio, em ascensões que se digam como sendo em livre (ILHA, 1983 apud GOMES, 2009, p. 113)¹.

Escalada em livre é quando você escala com a mão na rocha, sem nada, você usa o equipamento apenas pra se proteger, não pra progredir, escala você e a rocha, você e a pedra. Artificial é quando você usa algum artifício, algum equipamento, pra poder fazer um lance, que seja um lancezinho, pegar numa chapa e puxar, você fez um artificial, um A0 (Zé Roberto, entrevista, 01).

Os tipos de progressão, ou seja, o modo como o escalador sobe, *em livre* ou *em artificial* existiram e coexistem no tempo, e não devem ser entendidas a partir de uma perspectiva de evolução, e sim como realidades:

Eu não sei se nasceu em ordem diferente, eu acho que sempre teve essa vontade de passar escalando, né? Eu acho que o artificial foi, e continua sendo e vai continuar sendo, não é um negócio que nasceu e acabou e depois nasceu outro. Tem uma galera viciada em artificial que só escala em artificial. Tem uns A5 aí, que não tem jeito de livrar, os caras sobem numas paradas, quem é sinistro do artificial sobe nuns negócios que... dá até arrepio de ver... Tipo um A5, o cara, se você pegar uma tabelinha falando o que é cada grau, um A5 o cara escala uma cordada inteira com nenhuma proteção que segura queda, sacou? Se ele cair todas as proteções arrancam. E pode ser que o ponto de parada segure, senão é chão (Zé Roberto, entrevista 01).

O que deve ser levado em conta é que tanto a escalada em artificial como a escalada em livre evoluíram técnica e tecnologicamente. Os equipamentos tornam-se menores, mais leves, precisos e resistentes. O que realmente mudou foi a forma como alguns escaladores passaram a encarar as proteções, fazendo com que a *escalada livre em móvel* se tornasse o símbolo e o ápice de um “atletismo ecológico”:

Para isso, por vezes, é necessário um grande treino e dedicação, como de resto em qualquer outra atividade humana. Mas que mal há nisso? A esse respeito, seria

¹ Texto citado foi distribuído juntamente com o *Manifesto da escalada natural*, em 1983. (GOMES, 2009, p. 116).

interessante ouvirmos o parágrafo final do editorial da revista inglesa Mountain, em sua edição de janeiro/fevereiro deste ano (1983): “Não devemos nos preocupar quando os escaladores se tornam mais atléticos e usam sua própria força para conquistar a montanha, mas sim quando abusam no uso de artifícios para reduzir a montanha ao seu próprio nível. A reabertura aos olhos do mundo ao longo dos dez últimos anos da noção de escalada em livre pura pôde assegurar a continuidade da saúde do esporte (ILHA, 1983 apud GOMES, 2009, p. 113).

As primeiras peças *móveis*, conhecidas como *friends*, inauguraram uma nova era de mobilidade vertical. A proteção móvel é *entalada* na rocha e depois removida. A *escalada em móvel* se consolida não apenas como uma forma de proteção, mas como um valor, sendo chamada de *escalada limpa, natural* ou *ecológica*.

Os *friends* foram inventados por Ray Jardine, um engenheiro aeroespacial por volta de 1970. Ele já havia testado antes alguns protótipos construídos artesanalmente e posteriormente, junto com Mark Vallence, conseguiu lançar no mercado, por volta de 1977, este aparelho que viria a revolucionar a escalada, principalmente na região de Yosemite (PENNEQUIN; MARSKI FILHO, 2009).

Quanto à proteção móvel - ou natural, já que não danifica a rocha – tal como *nuts*, *friends*, bicos de pedra, afirmo que ela é absolutamente segura quando corretamente empregada, e seu uso é regra e não exceção em todo o mundo (ILHA, 1983 apud GOMES, 2009).

A esportivização e a institucionalização caminham em dois principais sentidos, o primeiro atlético e esportivo e o segundo purista:

Em algumas regiões alpinas disputas maiores surgiram entre escaladores do tipo *plaisir* (prazer) e “purista” – escaladores que preferem um estilo tradicional de praticar a escalada e o montanhismo. Essa disputa desencadeou um círculo vicioso de remoções, adições e novas remoções de grampos em certas vias. (UNIÃO..., 2013)

As vertentes do tipo *plaisir*, que identifico como as mais “atléticas”, e que de acordo com Pedro Raphael são as mais democráticas, são a escalada *indoor*, o *bouldering*, a escalada esportiva e o *psicobloc*. Creio que essas modalidades acionam dimensões como a conexão com o urbano, o cultivo do *self* e a sociabilidade entre grupos.

3.1 As modalidades e suas peculiaridades

- *Alpinismo*

É o termo mais difundido e popularizado, é a primeira vertente “oficial” do montanhismo ocidental, e recebe esse nome por se tratar da ascensão dos Alpes:

Até o final do século XIX, várias dezenas de montanhas haviam sido conquistadas, não só nos Alpes, mas também em outras partes do planeta: em 1865, o Matterhorn (4.478m) - Cervino, para os italianos -, na divisa Suíça-Itália; em 1880, o Chimborazo (6.310m) no Equador; em 1889, o Kilimanjaro (5.895m), na África, e o Aconcágua (6.959m), em 1897, na Argentina. Tais ascensões difundiram o termo alpinismo pelos quatro cantos do mundo, tornando-o sinônimo de montanhismo, apesar dele ser originalmente um termo regional, assim como andinismo e himalaismo (DAFLON, 2010, p. 14).

Com o tempo, o alpinismo verticalizou-se:

Com o tempo, já conquistados os cumes ainda virgens, a graça do jogo passou não mais a se escalar um cume pela primeira vez, mas sim alcançá-lo pelo seu lado mais difícil e desafiador. A mudança de mentalidade exigia novos materiais, foi então que surgiram os primeiros antecessores dos *piolets* e grampões, e quando se começou a usar cordas nas escaladas com o objetivo de proteger os escaladores (DAFLON, 2010, p. 13).

A corda é um equipamento básico para a escalada de vias, sejam elas curtas (vias esportivas) ou longas (paredes e *big walls*). A ascensão de vias em geral “(...) é feita em duplas. Cada escalador se prende a uma das pontas da corda. Aquele que sobe primeiro é chamado de *guia* e, o outro, de *participante* ou *segundo*.” (GREGO, 1998, p. 1). O guia é quem *equipa* a via, a medida que sobe e passa a corda pelas proteções, vai *livrando as quedas*. É quem corre mais risco. Enquanto um sobe o outro faz a segurança, chamada de “*seg*.” Quem sobe de *segundo*, sobe com a corda de cima, denominada *top* ou *top rope*, e não há risco de queda. É imprescindível lembrar que não existem regras fixas para cada modalidade:

Muitos escaladores consideram grandes paredes as que são maiores que o Pão de Açúcar, ou seja, acima de dez esticões² de corda (\pm 500 metros). Porém, isso não pode

² Quando uma via possui dimensões acima de 25 ou 30 metros, dizemos que ela tem duas ou mais enfiadas (esticões ou cordadas). Ao término de cada enfiada temos uma parada, que é assim conhecida por se tratar de um local na via que possibilite ao escalador fixar-se, parando para descansar antes de prosseguir com a escalada, e aguardar a chegada do seu companheiro.

ser uma regra rígida porque existem vias de apenas oito esticões que são muito difíceis e complexas, por isso, acabam virando um *big wall* porque obrigam os escaladores a dormirem na parede. Por outro lado, existem vias de 15 esticões de corda que são tecnicamente muito fáceis e a maioria dos escaladores sobe e desce em poucas horas. Por este motivo, não são consideradas vias de grande parede. Dessa forma, o termo “grande parede” é relativo (FARIA, Antônio Paulo, “Padrões Brasileiros”).



Johannes Bodens e Arthur Randé, escaladores brasilienses. Em direção a via *La Fin de Babylone*, Brévent. Chamonix, Mont Blanc. França. 2013. Arquivo pessoal.

(GOMES, 2009, p, 11). “Este escala com segurança dada por cima pelo guia. É comum os dois trocarem de posições a cada enfiada de corda” (GREGO, 1998, p. 1).

- *Big wall*

A escalada de grandes *paredes*, os *big walls*, é uma atividade complexa, requer vasta quantidade de equipamentos e planejamento logístico:

Yosemite Valley, na Califórnia, é o berço mundial do *big wall*. Em suas paredes de granito vertical de até 1000 metros aconteceu o grande desenvolvimento desta modalidade nos anos 70. No Brasil temos algumas grandes e complexas paredes, mas o nosso big wall mais desafiador é sem dúvida a parede sudoeste da Pedra do Sino, na Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro (PAPP, 2009).

Uma escalada é um *big wall* não pela altura da rocha, mas pela duração, ou seja, quando não é possível completar a via em um dia e é preciso dormir na pedra, ou seja, fazer um *bivaque*, *bivacar*. Como observa Tom Papp (2009):

Uma grande escalada passa a ser um *big wall*, se uma equipe é obrigada a pernoitar ao menos uma noite no meio da parede, ou seja, uma escalada de vários dias. Normalmente um *misto de escalada livre e artificial*, um *big wall* exige muita experiência dos participantes, sendo obrigados a içar dezenas ou até centenas de quilos de equipamentos, inclusive comida, água, fogareiro, sacos de dormir, barracas especiais, e tudo mais parede acima (grifos meus).



Luis Hashimura, escalador brasileiro. Bivague na via *The prow*, *Washington Column*. Yosemite Valley, Califórnia. EUA. Três dias de escalada. Foto por Silvio Brentan. 2011. Arquivo pessoal.

- *Escalada clássica*

Os Daflon (2010) definem a *escalada clássica* como *escalada tradicional brasileira*. No entanto, o nome indica, e como alertou Zé Roberto, essa é uma denominação *brasileira*. No exterior, uma *via tradicional*, “*trads rout*”, é uma via “*de parede em móvel*”, em que os pontos de proteção são colocados pelo escalador. Aqui no Brasil vias tradicionais ou vias clássicas designam a mesma coisa, e também são conhecidas como *escalada de parede* ou *paredão*.

Enquadram-se nesta modalidades vias longas, que possuem várias enfiadas. As proteções tradicionais não são tão próximas quanto às das escaladas esportivas, e consequentemente as quedas podem ser maiores e mais perigosas. (...) Em algumas vias, inclusive, *pode ser necessário o uso de equipamento móvel ou mesmo o emprego de técnicas de escalada artificial* (grifos meus, DAFLON, 2010, p. 62).

Na escalada clássica, assim como em um *big wall*, além do domínio da organização e da logística, o fator psicológico é relevante:

A regra básica, nas conquistas, é proteger suficientemente os lances mais difíceis e supor que o guia³ não vai cair naqueles lances bem mais fáceis (dois graus ou mais abaixo do lance mais difícil). Ninguém deve esperar uma segurança total, como a encontrada na escalada esportiva. Na escalada tradicional há alguns lances em que, simplesmente, o guia não deve cair, e outros em que a queda é aceitável (geralmente os mais difíceis) (GREGO, 1998).



Hugo Langel escalando a via “*Urbanóides*” no Morro do Cantagalo, com a lagoa Rodrigo de Freitas ao fundo. Foto: Seblen Mantovani/ Divulgação Canal Off. 2012.

³ A ascensão de vias com mais de um cordada em geral “(...) é feita em duplas. Cada escalador se prende a uma das pontas da corda. Aquele que sobe primeiro é chamado de guia e, o outro, de participante ou segundo. Este escala com segurança dada por cima pelo guia. É comum os dois trocarem de posições a cada enfiada de corda” (GREGO, 1998). O guia é quem equipa a via, a medida que sobe e passa corda pelas proteções vai se livrando das quedas, é quem corre mais risco. Quem sobe de segundo, sobe com a corda de cima, denominado *top* ou *top rope*, e não há risco de grandes quedas.

- *Escalada esportiva*

É o produto e o reflexo da “atletização”. Normalmente, são vias curtas, de uma cordada, no máximo 40 metros. Entre todas as modalidades que envolvem a segurança com corda, essa é considerada a mais segura. Na década de 80 a escalada esportiva solidificou-se como modalidade. Como coloca Pedro Hauck (2012) em matéria para o *site* Go Outside:

Com o passar do tempo, algumas pessoas viram em pequenos afloramentos rochosos a oportunidade de treinar técnicas para desenvolver uma escalada mais difícil. Quando isso aconteceu, o objetivo deixou de ser o cume das montanhas e se focou na escalada em si. Passou-se a valorizar lances mais complexos e também a contar com mais segurança, pois quanto maior a dificuldade maior a chance de cair. Surge aí a escalada esportiva.



Moema Corrêa escalando a via Raízes (8a), Belchior. Encontro de Escalada “Vintage Day”. Goiás. 2012. Foto por Leandro Costa.

- *Bouldering*

O boulder é uma das modalidades mais recentes. Segundo os Daflon (2010) começou a ser praticada no Brasil por volta de 1987. É feita em blocos de pedra, sem corda. A segurança do corpo livre é feita apenas por colchões próprios, os *crashs pads*, e pelo amparo atento dos parceiros de escalada, a “segurança”, chamada de “seg”.

É uma modalidade popular por demandar técnica e força e também pela praticidade. Em uma “sessão de *boulder*” os únicos equipamentos necessários são os *crash pads*, as sapatilhas e o magnésio para aumentar a aderência das mãos.

Highball é um *boulder* alto. Existe uma discussão que coloca em xeque a partir de que altura a escalada deixa de ser um *boulder highball* e passa a ser um *solo*. Subir uma pedra alta, com o corpo livre, exige um grande comprometimento do escalador. A “seg” passa a ser ineficaz a partir de alguns metros e o amortecimento dos *crashs* também. Muitas vezes acontece de o escalador *adrenar*, ou seja, ficar com medo. Por isso são poucos os que encaram os verdadeiros *high balls*.



Lucas Castor no *boulder* “Aperta a dentadura” (V8), na famosa Pedra do Chapéu. Cristalina. Goiás. Foto por Matheus Farage.

- *Solo*

Quando alguém sobe uma *via* solando, é uma escalada literalmente *em livre*. Conhecido como *free climb*, no *solo* o escalador está totalmente livre, sem equipamentos, corda, ou qualquer tipo de segurança. Qualquer erro pode ser fatal, e esse tipo de escalada caracteriza-se por ser uma experiência mental, “espiritual”, eu diria. O solo não chega a ser uma “modalidade”, existem escaladores que solam *big walls*, como o americano Daniel Woods, outros que solam paredes, e ainda os que solam vias esportivas, como Lucas Marques, escalador de Uberlândia.



Lucas Marques solando a via *Pra caramba*. Serra do Cipó. Cena do filme “Pra caramba” de Cedar Wright. Disponível em: <http://vimeo.com/35614333#at=0>

- *Psicobloc*

O *psicobloc*, conhecido também como *deepwater soloing*, é uma escalada *solo*, mas em que a queda é amortecida pela água. Como o próprio nome sugere, o fator psicológico também tem grande peso nessa modalidade, caso o escalador não saiba cair ou caia de mal jeito o “colchão d’água” pode ser extremamente nocivo, principalmente após os 10 metros de altura.

(...) trata-se de uma modalidade de escalada onde os atletas têm o volume de água localizado na base das falésias – seja em rios, mares ou lagos – como única forma de amortecer as inevitáveis quedas, que podem ultrapassar os 20 metros de altura. A prática surgiu na década de 1970 em Mallorca, na Espanha, mas começou a desenvolver no Brasil principalmente em 2010. O fator psicológico de se escalar sem equipamentos é o maior desafio para os escaladores tradicionais (PSICOBLOC..., 2011).



Lucas Marques. Competição Red Bull Psicobloc. Cânion do Talhado. Alagoas. 2011. Foto por Marcelo Maragni.

4 O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO

A definição do que vem a ser “esporte” também é crucial para o desenvolvimento da pesquisa. No artigo *Estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais*, Dias, Melo e Alves Júnior (2007, p. 359) propõem “aprofundar a discussão teórica e conceitual sobre os esportes na natureza, buscando melhor entendê-los historicamente”. Assim como eles, considero limitada uma análise exclusivamente contemporânea da escalada e creio que é fundamental uma breve contextualização.

Os três autores defendem que busquemos uma visão multidimensional das práticas esportivas. Trato como premissa para compreensão do conceito de esporte a seguinte colocação:

Devemos então evitar a canonização de uma determinada forma de expressão do esporte (o que pode soar a idealismo e/ou falta de compreensão histórica), a partir do entendimento de que essa manifestação cultural, como todas as demais, é dinâmica (DIAS; MELO; ALVES JÚNIOR, 2007, p. 361).

O artigo é perspicaz ao apresentar uma abordagem que leva em conta as maleabilidades, os movimentos e a relativização dos fenômenos esportivos. O “imaginário de uma época”, os conceitos e os comportamentos são todos ritmos no tempo, que devem ser apreendidos em suas conexões e particularidades. É um alerta para não cair em reducionismos simplistas, obcecados em identificar binarismos, oposições e conceitos solidificados, mas sim para organizar logicamente o que for possível “enxergar”.

Os referenciais teóricos abordam a escalada como esporte, como atividade de lazer (MARINHO, 2001), como Atividade Física de Aventura na Natureza (AFAN) ou ainda como “esporte de aventura”, “esporte radical” entre outras definições. A proposta de Allen Sack, apresentada por Dias, Melo e Alves Junior é a que me parece mais confortável:

(...) a prática esportiva como um jogo institucionalizado que repousa na proeza física, em que proporções variáveis de jogo e trabalho, seriedade e ludicidade, intervêm simultaneamente, dependendo da natureza específica da atividade. Nesse sentido, os esportes na natureza são uma espécie de subcultura esportiva, mas que integram o campo esportivo mais amplo e parece que é assim que devem ser estudados. Ainda que cada modalidade possa ser apreendida em suas especificidades, há sempre referências em comum (SACK apud DIAS, MELO e ALVES JÚNIOR, 2007).

A definição como “subcultura esportiva” cai como uma luva para pensarmos a escalada. No Brasil, a escalada e o montanhismo não são reconhecidos como esporte pelo Ministério do Esporte e, atualmente a CBME faz parte da Comissão de Esportes de Aventura do citado Ministério. Davi Marski na matéria “*Escalada é esporte? E o balé? É esporte também?*” reflete sobre a categorização da escalada e do montanhismo enquanto um esporte:

Recentemente surgiu o conceito de ‘esportes da natureza’, e pasme: no Brasil os “esportes da natureza estão sob a alçada do Ministério dos Turismo (e não do Ministério do Esporte), em outras palavras para o público na especializado a descida de coqueiras, o rapel, a tirolesa, a caminhada, as corridas de aventura, o montanhismo e a escalada são todos ‘esportes na natureza’, ‘esportes radicais.’ (MARSKI, 2008, p.1)

Marski manifesta uma série de opiniões sobre as “faces” do montanhismo e da escalada. Assim como ele acho importante ter em mente que existem duas principais vertentes, que longe de se excluírem-se, mesclam-se em diferentes discursos. A primeira é a escalada competitiva, urbanizada e social e a segunda é a escalada purista:

Escrevo este texto pois quero chamar a atenção para a grande distância que separa a escalada esportiva ou competitiva, com suas regras, campeonatos e títulos de “melhor do mundo” das demais vertentes do montanhismo. Quero mostrar que o montanhismo está para a escalada esportiva assim como o balé está para a ginástica olímpica. Há uma grande diferença entre os propósitos e as características dos praticantes. (MARSKI, 2008, p.1)

Os escaladores entrevistados definem o envolvimento com a atividade como um estilo de vida. Mas o reconhecimento da prática como um esporte é bem quisto entre eles. As falas de Luiz Henrique e de Rafael Passos apontam para uma interseção:

Ah, eu acho que vai de cada um, né? Se é um esporte ou não. Tem gente que leva como esporte, mas tem gente que escala só no muro, nunca foi na rocha, tem nem vontade de escalar na rocha. Eu acho que vai de cada um, do que a escalada significa pra cada um. Pra mim ela já deixou de ser esporte há muito tempo. Eu levo a escalada como um “estilo de vida”. Tudo que eu faço... em relação a várias coisas... é pensando sempre na escalada em primeiro lugar e, no que aquilo tá me ajudando na escalada ou não. (...) Eu acho super válido, a divulgação do esporte. Por que quanto mais o esporte é divulgado, mais pessoas fazem, mais pessoas estão interessadas, mais pessoas estão querendo apoiar, mais pessoas estão querendo fazer.... Aí o esporte vira... um esporte! Aí, por exemplo, Cocalzinho de Goiás vai ser liberado, o Cabeludo a gente vai poder escalar lá. Porque uma galera tá lá, uma galera tá fazendo pressão, tá querendo. E os caras... não tem como negar... negar pra meia dúzia de gente é uma coisa, agora negar pra cem pessoas é outra completamente diferente (Luiz Henrique, entrevista 01).

Eu acho que a escalada é um estilo de vida, não é como qualquer outro esporte. (...) Eu vejo a escalada como um esporte... Assim, seria do meu agrado se fosse esporte olímpico, uma parada muito mais reconhecida, eu ia gostar mais, porque as vezes parece que você fala de escalada e a galera confunde com rapel.... é “paia”, é muito “paia”... Mas eu vejo a escalada como um estilo de vida... (Rafael Passos, entrevista 01)

Os escaladores entrevistados em diversos momentos definem a escalada como um estilo de vida mas, os discursos revelam a esportivização e a espetacularização como elementos “legitimadores”. O movimento olímpico que pretende incluir a escalada guiada nas Olimpíadas de 2020 é um indicador dessa “necessidade” e “carência” de legitimação.

O processo de esportivização, datado do século XVIII, com destaque para algumas modalidades da escalada, é nítido. A organização institucional, os campeonatos mundiais e a crescente espetacularização aproximam algumas vertentes cada vez mais do conceito “disseminado” do que seja esporte.

A institucionalização muitas vezes é impulsionada por conflitos. A proibição do acesso às áreas de escalada ou o risco da destruição dessas áreas por pedreiras são motivos que corroboram para esse movimento. O reconhecimento da escalada enquanto esporte e a articulação política muitas vezes são gerados por demandas exteriores:

A organização dos escaladores em torno de um objetivo comum, filiando-se a associações e federações, é importante para a organização e desenvolvimento do esporte. As federações e associações são responsáveis por, entre outras coisas, garantir o acesso às montanhas, já que algumas áreas foram fechadas arbitrariamente, seja por órgãos públicos ou proprietários privados. Elas também são importantes para que possamos praticar nossa atividade como sempre fizemos, sem a interferência de órgãos externos, mas de forma ética e respeitosa com os demais escaladores e o meio ambiente (DAFLON, 2010, p. 47).

Dias, Melo e Alves Junior observam que “o crescimento, a valorização e a difusão de esportes praticados na natureza” estão articulados com as tendências ambientalistas das décadas finais do século XX.” Dias, em outro artigo (2009), menciona que “de todas as revoluções conceituais do século XX, poucas forjaram uma mudança tão universal e fundamental nos valores humanos quanto a revolução ambientalista” (MCCORMICK, 1992 apud DIAS, 2009). No entanto, percebo que, controversamente, o “ambientalismo” pode vir a ser um elemento “embarreirador” da prática da escalada e do montanhismo, como por exemplo os conflitos que envolvem a prática dentro de Parques e de Unidades de Conservação, assunto que será tratado no último capítulo.

Já o movimento turístico e, conseqüentemente econômico, parecem ter o efeito oposto. Surgem os primeiros indícios do reconhecimento escalada e dos escaladores não só como importantes aliados para a conservação desses ambientes, mas como fomentadores da economia local. Um vídeo *making off* feito pelos atletas que participaram de uma competição de *psicobloc* organizada pela Red Bull, no Vale do Xingó, no sertão de Alagoas, traz uma observação do escalador Felipe Dallorto que reflete essa relação:

Pô, muita coisa aconteceu né, Jah? Coisas maravilhosas aconteceram, como a geração de emprego pra galera local aqui, que era muito pobre, muito humilde. O Lorival morava aqui num barraquinho pequeno, com três crianças e a esposa... e mais uma galera que trabalhava aqui com ele, com negócio de pescaria... Abriu oportunidades pra muitas coisas também que vão vim aí futuramente... pro turismo na região, pro pessoal local, enfim, até mesmo pra nós escaladores... Poder mostrar um paraíso desses, maravilhoso pra prática do *psicobloc* (PSICOBLOC..., 2011).

Costa observa que existem três relações básicas entre o montanhismo e a escalada e o turismo: a primeira em que o turismo montanhês impulsiona o desenvolvimento da prática esportiva local, a segunda em que o turismo acontece como consequência da prática esportiva, e, por último, aquela em que o esporte é praticado pelos visitantes sendo apenas o objeto do turismo (COSTA, 2004, p. 10).

No entanto, a atual visibilidade e as definições contemporâneas da escalada e do montanhismo são apenas dimensões de um fenômeno, muito complexo, repleto de facetas: microuniversos que se cruzam e se afastam em inúmeros aspectos.

Segundo Dias, Melo e Alves Junior (2007) os esportes, de uma forma geral, surgiram em um mesmo contexto, e observam que:

(...) é bastante razoável entender a disseminação dos esportes na natureza à luz do processo moderno de esportivização, compreendido aqui como a transformação dos elementos da cultura corporal de lazer em esporte, ou em outros termos, a regulamentação, a decodificação e a institucionalização dos passatempos (p. 361).

O Clube Alpino ter sido fundado antes do Clube de Futebol é uma prova de que categorizações como “esportes na natureza” são conceituações contemporâneas. Segundo os mesmos autores: “ainda que os esportes em seu sentido moderno sejam em muito fruto do

crescimento de uma cultura urbana, desde suas origens eles também estavam articulados com a ideia de ‘reocupação’ do ambiente ‘natural’”.

Em plena Revolução Industrial, o processo de esportivização foi exatamente essa busca pelo exercício ao ar livre, tanto no futebol, quanto na natação, no alpinismo e em muitos outros. O contexto e o intuito eram os mesmos. E o que teria motivado o homem a essa busca pelo “natural” seria uma conjunção de fatores:

São muitos os elementos que contribuem para o delineamento deste novo imaginário coletivo, entre os quais destacamos: o crescimento das cidades; a nova organização do trabalho e a valorização dos momentos de lazer; o higienismo; a noção de pitoresco; a doutrina do sublime e o romantismo; a teologia natural; a difusão da figura do homem acadêmico; a popularização de algumas ciências e os avanços tecnológicos; tudo articulado com o conjunto de mudanças de natureza econômica (DIAS; MELO; ALVES JÚNIOR, 2007, p. 363).

No primeiro capítulo do livro *Escale melhor e com mais segurança*, intitulado “Breve história do montanhismo”, Flávio e Cintia Daflon trazem um panorama da evolução do esporte. Os autores observam que, fora do Velho Mundo, e em épocas muito mais remotas, ocorreram inúmeras ascensões a cumes de montanhas. Antônio Paulo Faria, autor do livro *Montanhismo brasileiro, paixão e aventura* observa que: “Alguns usam o montanhismo como esporte para justificar uma paternidade, mas isso tem profunda conotação política (...)” (FARIA, 2011). Faria é um dos poucos a refletir sobre o etnocentrismo tão recorrente na história das montanhas.

A conquista do Mont Blanc, no final do século XVIII, é um dos primeiros marcos dessa história ocidental e, inaugurou um novo universo de práticas e discursos. O naturalista Horace Bénédict de Saussure durante muitos anos ofereceu uma recompensa para quem alcançasse esse cume. No verão de 1786 o médico Paccarde e o caçador de cristais Jacques Balmat chegaram o topo dos Alpes. Flávio e Cintia pontuam que:

o que faz a escalada do Mont Blanc ser considerada como marco zero do montanhismo é que, antes dela, nada mudara no mundo em função das ascensões conhecidas, já que elas não geraram nenhum movimento (DAFLON, 2010, p. 11).

O desenvolvimento do alpinismo foi a grande força motriz das técnicas e tecnologias que se ramificaram em muitas tendências e variações. Os autores trazem um trecho da revista espanhola *Desnivel* que pontua: “(...) ‘Então, e não antes, se desencadeou um movimento que

trouxe consigo um universo cultural próprio. Graças a ele, o alpinismo mundial se encheu de grandes obras pictóricas, literárias, fotográficas e cinematográficas.”” E concluem:

foi mais que uma simples revolução alpina, foi uma revolução humana, pois ali surgia o alpinismo, três anos antes da Revolução Francesa e em plena Revolução Industrial (DAFLON, 2010, p. 11).

O alpinismo, na primeira metade do século XIX teve forte motivação científica. A alta montanha era um universo absolutamente novo, que despertava a curiosidade dos mais diversos campos do saber (DAFLON, 2010, p. 13). Pode-se dizer que a “corrida pelos cumes” fora, em um primeiro momento, uma verdadeira disputa entre as nações:

O status adquirido por esta prática fez com que os próprios governos se envolvessem no financiamento de expedições, promovendo uma disputa esportiva pela conquista do cume mais alto atingido pelo homem. (COSTA, 2004, p.8)

Despertou-se um fluxo de atenção pelas altitudes. Em 1821 é criada a primeira companhia de guias de montanha: *La Compagnie des Guides de Chamonix Mont-Blanc*. Cris Costa, em sua dissertação de mestrado intitulada *Formação profissional no esporte escalada* observa que:

Na Europa, em um dado momento histórico, o conhecimento e as técnicas desenvolvidos por aqueles que estavam habituados a frequentar as montanhas foram valorizados e utilizados como instrumento de desenvolvimento do turismo local. Desta forma, frequentar as montanhas passou de uma necessidade de subsistência a uma profissão: guia de montanha (COSTA, 2004, p. 6).

The Alpine Club, fundado em 1857, pode ser considerado a primeira manifestação institucional ligada ao conceito contemporâneo de “esportes na natureza”.

A partir de 1850, o alpinismo deixou sua aura científica e passou a ser visto e praticado como um jogo, um esporte. (...) Tomados de uma verdadeira febre ascensionista alpinistas europeus passaram a conquistar todo e qualquer cume virgem (DAFLON, 2010, p. 13).

Observa-se que a organização de clubes e a institucionalização das atividades demonstram que já naquele momento existiam preocupações de sistematização da prática. (DIAS; MELO; ALVES JUNIOR, 2007). Como pontuam os Daflon:

Na Europa, na primeira metade do século XX, tem início um segunda época de ouro do montanhismo, desta vez centrada na verticalidade. Com a popularização do alpinismo –

nessa época somente o Club Alpin Français contava com 30 mil sócios (...) (DAFLON, 2010, p. 18).

Em 1932, foi fundada a UIAA (Union Internationale des Associations d'Alpinisme). Vinte associações de montanhismo reuniram-se em Chamonix, para um congresso e fundaram uma federação internacional que seria responsável pelo “estudo e solução de todos os problemas de montanhismo”. A UIAA é a maior “protagonista institucional” do montanhismo e da escalada da atualidade. Conforme descrito no *site* da organização (UNIÃO..., 2013), tudo começou como uma organização predominantemente europeia, mas hoje em dia, todos os continentes estão representados, sendo 87 organizações membros de 52 países.

A partir dos anos setenta, o surgimento da escalada *indoor*, o crescente número de ginásios e a febre da escalada esportiva e do *bouldering* configuram um quadro de expansão de adeptos em todo o mundo, inclusive no Brasil. Em 27 de janeiro de 2007, em Frankfurt, 48 Federações foram convocadas para fundar o IFSC (Federação Internacional de Escalada Esportiva):

A UIAA que controlava tudo isso da escalada, aí a parada ficou tão democrática e girava tão mais pessoas que o montanhismo em si, que teve que separar, aí virou a IFSC. E é um pouco o que rola aqui, só que como a demanda é pequena não se separou, talvez nunca tenha demanda suficiente pra separar isso... A UIAA cuida de todas essas coisas do montanhismo todo, e a IFSC dos campeonatos... que é a vertente mais democrática, escalar no muro. (Pedro Raphael, entrevista 02)

O montanhista Waldemar Niclevicz (2013) observa que apenas na Europa Ocidental existem mais de um milhão e meio de montanhistas e escaladores *organizados* e no Japão mais de cinco milhões. O número crescente de associações, federações e confederações revela o papel fundamental dessas organizações não só em relação aos praticantes, mas também em relação aos profissionais. Cris Costa observa que:

Nota-se também que a intervenção do governo com regulamentação da profissão não tem ocorrido necessariamente. Nos países da Comunidade Europeia onde existem montanhas, as profissões relacionadas ao esporte escalada são regulamentadas e existe formação profissional formalizada. Em outros tantos países, alguns dos quais representam um papel importante neste esporte, como os EUA e a Rússia, não existe regulamentação, porém se faz a formação profissional, com credenciamento em associações e federações e consequente legitimação destas instituições pela população (COSTA, 2004, p. 12).

Percebo que a regulamentação do esporte está relacionada às instituições envolvidas e, países de montanhas nevadas a “cultura da escalada e do montanhismo” parece ter uma visibilidade e uma acessibilidade diferentes. Creio que pelo fato das montanhas serem compartilhadas com diversos outros esportes, como o *skii* e o *snowboard*.. Pedro Raphael faz a seguinte colocação:

“Viver da montanha” num país que tem a cultura da montanha, na América do Sul, por exemplo, o Chile, a Argentina, é possível você viver da montanha... no Brasil é muito difícil você viver da montanha, viver da escalada... por causa da cultura da montanha (Pedro Raphael, entrevista 01).

Dias, Melo e Alves Junior (2007, p. 366) em uma nota de rodapé pontuam:

Alguns países da Europa têm nos esportes de montanha uma de suas principais tradições esportivas. A mentalidade esportiva alemã, por exemplo, esteve durante muitos anos ligada quase que exclusivamente a ginástica, as marchas e ao alpinismo. Na França, depois da fundação do seu primeiro clube alpino, a prática rapidamente se popularizou. O modelo associativo francês não era limitado a escaladores como acontecia na Inglaterra e isso certamente incentiva o acesso. Atualmente, de acordo com os dados da Federação Francesa de clubes de alpinismo e montanhismo, o país conta com 240 clubes e 89.000 membros associados.

A escalada e o montanhismo, seus significados e simbolismos, se desenvolvem como uma prática heterogênea no mundo, e como veremos a seguir, no Brasil também.

4.1 O contexto nacional

Meu intuito não é fazer um levantamento histórico sobre o montanhismo no Brasil, mas traçar um panorama sobre o que tem acontecido no país com relação à esportivização. Até o século XVIII muitas montanhas já deviam ter sido escaladas, tais ascensões, realizadas principalmente por bandeirantes, tinham caráter exploratório e não ficaram registradas (DAFLON, 2010). No entanto, não posso deixar de frisar que provavelmente os indígenas devem ter sido os primeiros a pisar em muitos cumes do território brasileiro. Mas nessa pesquisa não terei espaço para me deter a uma longa contextualização nacional do fenômeno esportivo.

As referências teóricas trazem algumas ascensões que se tornaram históricas para o País. A primeira e mais polêmica é a do Pão de Açúcar em 1817, pela inglesa Henriqueta Carsteirs. O fato da bandeira britânica ter sido cravada no cume parece ter instigado a segunda ascensão:

O certo é que esse acontecimento causou certa agitação na cidade do Rio de Janeiro, seja pelo seu cunho de audácia ou por despertar sentimentos nacionalistas nos colonizadores portugueses. Motivado por esse sentimento, no dia seguinte ao feito de Carsteirs o soldado lusitano José Maria Gonçalves chegou ao cume do Pão de Açúcar. Lá trocou a bandeira do Reino Unido pelo Pavilhão Real Português (DAFLON, 2010, p. 15).

Já o montanhista Waldemar Niclevicz traz em seu *site* a seguinte colocação:

Mesmo com o relato de algumas ascensões ao Pão de Açúcar, a partir de 1817, o montanhismo no Brasil teve a sua primeira manifestação significativa em 1856, quando José Franklin da Silva enfrentou o Pico das Agulhas Negras, de 2.791 m de altitude, situado no maciço de Itatiaia MG/RJ, porém sem atingir o seu ponto culminante.

A conquista do ponto mais alto do Marumbi, na Serra do Mar, no Paraná também é histórica:

(...) um dos pontos de partida do montanhismo brasileiro se deu no estado do Paraná quando Joaquim Olímpio de Miranda, liderando uma pequena equipe de aventureiros, resolveu escalar os 1539 metros do Conjunto Marumbi no dia 21 de agosto de 1879. Pode-se dizer que esta ascensão é o marco inicial do montanhismo brasileiro, visto que foi a primeira vez que um grupo de pessoas subiu uma montanha pura e simplesmente pelo prazer de desfrutar seus desafios e seu panorama (AUGUSTO, 2009).

Outras ascensões também tiveram grande peso. A conquista do Dedo de Deus, em 1912, pode ser considerada, para o Brasil, o “equivalente histórico” à escalada do Mont Blanc para

Europa. O artigo lançado pelo *site* Web Adventure intitulado *Antônio Paulo Faria contesta os 100 anos de montanhismo no Brasil* descreve:

O Dedo de Deus tornou-se o símbolo do montanhismo brasileiro, não só pela sua beleza e imponência, como por sua história que, de acordo com a maioria dos montanhistas, marca o início da escalada técnica (alpinismo) no Brasil, liderada por Teixeira e outros quatro rapazes de Teresópolis. Essa conquista aconteceu em grande estilo e foi realmente um marco importante e de repercussão internacional. Ou seja, o evento teve um marketing gigantesco e com enorme apelo popular. Os conquistadores tiveram, na época, até audiência com o presidente da República.

Faria traz uma análise muito interessante em torno das “disputas políticas” que envolvem o montanhismo e a escalada. Ele observa que o evento 1ª Semana de Montanhismo, realizado em 2012 no Rio de Janeiro, sob o selo “100 Anos de Montanhismo Brasileiro” não agradou a todos:

A Semana do Montanhismo no Rio de Janeiro sem dúvida vai ser muito importante e a data foi escolhida exatamente por ser a comemoração da conquista dos 100 anos do Dedo de Deus. Mas, erroneamente, lançaram um selo comemorando os “100 Anos do Montanhismo Brasileiro”. Em função disso, a turma do sul ficou irada.

Durante os séculos XVIII e XIX são registradas várias ascensões no Brasil. No entanto, não nos interessa eleger uma como “a primeira” ou a “a primeira por ser técnica”. O que identifico como relevante é a independência com relação às conquistas europeias. “Aparentemente, o esporte de montanhas surgiu no Brasil de forma semelhante ao exterior, mas não foi importado” (COSTA, 2004, p. 8). Tomo como imprescindível a seguinte colocação do mesmo autor:

Não podemos fixar uma data para o começo do montanhismo no Brasil, muito menos achar a paternidade, porque nada disso aconteceu. O montanhismo brasileiro simplesmente apareceu de forma natural entre os séculos XVIII e XIX e evoluiu por conta dos próprios brasileiros e também dos imigrantes (FARIA, 2011).

A escalada e montanhismo existem em diferentes níveis de consolidação e legitimação em cada país, e em um território com a dimensão do Brasil, a “variabilidade” revela-se entre os estados. No Brasil, o Rio de Janeiro e o Paraná, os dois estados que “reivindicam a vanguarda esportiva”, são os locais em que se manifestaram as primeiras organizações institucionais.

A quantidade de associações e clubes, a qualidade dos ginásios de escalada, o mercado de equipamentos entre muitos outros, são indicadores do crescimento da prática em uma região. A

mentalidade esportiva e o próprio esporte desenvolvem-se de acordo com uma série de fatores, mas a escalada e o montanhismo, com certeza, estão atrelados a uma boa dose de características geográficas.

No Rio de Janeiro, em 1919, foi fundado o Centro Excursionista Brasileiro, CEB. Esta foi a primeira agremiação montanhista do Brasil e da América do Sul. Outras agremiações surgiram após a segunda escalada do Dedo de Deus, em 1931, “confirmando uma expansão mais consistente e regular do esporte no país. Esta tendência menos oscilante resultou na conquista de montanhas e vias por aprimoramento de técnicas e procedimento” (COSTA, 2004, p. 9).

O CEB criou em 1944 a primeira escola de guias, e “os anos 1950 foram marcados pelo início da tendência de montanhistas brasileiros de alto nível a buscarem desafios fora do país em face à ausência de montanhas de grande porte no território nacional” (COSTA, 2004, p. 8).

O aumento das conquistas é em grande parte catalisado “(...) por significativas mudanças nos equipamentos de escalada. A pesada bota cardada foi sendo substituída por calçados mais leves, que permitiam a realização de lances mais técnicos (...)” (DAFLON, 2009, p. 29).

A década de 70 marcou o ápice da evolução da técnica e da tecnologia a favor das progressões. A escalada esportiva “explodiu” e foram conquistadas inúmeras vias. Essa fase de transição, em que os cumes deixam de ser o objetivo de uma ascensão, é conhecida como “rochedismo”.

A década de 1990 viu o *boom* do Campo Escola 2000 (RJ) e da Serra do Cipó (MG), áreas de escalada que expandiram o décimo grau. Este nível foi atingido, em parte, graças ao surgimento de numerosos muros de escalada, (...) e à popularização do *boulder*, atividades que se tornaram praticamente obrigatórias na vida dos escaladores que queriam evoluir técnica e fisicamente.

A graduação, ou seja o sistema de graus usado para classificar as dificuldades em cada modalidade, é um ponto interessante que evidencia muitas coisas, como a atletização, a esportivização, a institucionalização e a relação escalador/escalada, como tratarei no próximo capítulo.

Fundada em 2004, a Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME) é a grande protagonista institucional da atualidade no Brasil. É uma entidade de administração

desportiva sem fins lucrativos, membro da UIAA e também membro-fundador da IFSC. A CBME se autodefine da seguinte forma:

A CBME é o resultado de vários anos de trabalho voluntário de montanhistas de todo o Brasil num esforço contínuo para institucionalizar e estruturar essa atividade que é a verdadeira matriz das modalidades hoje chamadas de esportes de aventura. Nossa atuação se dá em três eixos fundamentais:

- evolução técnica do esporte, através da crescente organização da escalada esportiva em todo o país;
- boa formação tanto técnica quanto ética dos nossos montanhistas, sejam eles simples praticantes ou proficientes guias;
- difusão e prática sempre crescentes de condutas ambientalmente corretas que garantam a preservação de nossas montanhas para as futuras gerações.

Atualmente a cena da escalada brasileira está em constante expansão. As associações e federações tornam-se, dia a após dia, mais atuantes.

5 AS NATUREZAS DA PEDRA: a transformação de um imaginário

A transformação na forma de relação com a natureza, e a atribuição de valores, significados, símbolos, simbologias e, principalmente, intencionalidade às pedras, é que caracteriza a escalada como um veículo de autodescoberta:

Você cria os valores nos lugares... que para algumas pessoas só são pedras e não significam muito, significa somente uma foto bonita. Já pra alguém quem escala os valores começam ali, todos os valores de vida da pessoa iniciam ali... Tem gente que passa em Cocal pra ir pra Pirenópolis e não olha nem pro lado... liga o ar condicionado, fecha o vidro e espera chegar em Pirenópolis, sabe nem que ali tinha pedra, não olha nem pro Cabeludo, é o que mais tem, é o mais comum... ou então descer do carro pra tirar foto e já querer entrar no carro pra ir embora, não querer ficar ali, não conseguir ficar ali... Já aconteceu isso.. de tá com alguém que não é escalador, sai do carro, tira a foto, ou nem sair do carro, ficar dentro do carro “xaropando” pra vazar. Pra ela não é nada, não significa nada.... mas é por que ela não tem a sapiência, a sabedoria de ver e enxergar... (Pedro Raphael, entrevista 02)

As concepções ocidentais referentes à relação homem/natureza são, em grande parte, sustentadas por pilares de subordinação e de dominação. Percebo que dentro da escalada e do montanhismo existem muitas expressões e termos que evocam isso, como a palavra *conquista*. No passado, as conquistas estavam relacionadas ao alcance de cumes por grandes expedições mas hoje esse termo ainda assume lugar de destaque:

O esporte, no entendimento de Nöbert Elias (1992) é um conjunto de competições e enfrentamentos individuais (encontros e desafios) ou coletivos, que colocam os seres humanos uns contra os outros ou contra obstáculos projetados (pistas de esqui, de motocross, de automóveis) ou com dificuldades a vencer (montanhas, oceanos, rios, desertos). O investimento feito pelo homem nesses enfrentamentos é uma espécie de combate controlado travado num campo de batalha imaginário. No caso do montanhismo (escalada), encontramos no discurso dos escaladores termos como “atacamos o cume”, “vencemos a Jacutinga”, “tentamos uma aproximação da montanha desejada”, “mochilas de ataque” (COSTA, M., 1999, p. 17).

Competições e enfrentamentos individuais com certeza fazem parte desse “jogo”. Mas o emprego da palavra *contra* não se aplica às concepções da atualidade, ao menos não explicitamente. Seres humanos não estão uns contra os outros ou contra obstáculos ou dificuldades a vencer, mas estão *em relação*. Incomoda-me também interpretar essas atividades como um “combate controlado travado num campo de batalha imaginário”, primeiro por que não

se trata de combater mas de relacionar-se, e segundo por que “controlável” não me parece uma característica que se aplica à escalada e ao montanhismo.

A existência de um vocabulário “subordinante” – “dominar o *boulder*”, “atacar o cume”, “conquistar uma via” – é a manifestação de um imaginário ocidental pautado pela ótica judaico-cristã de interpretação da relação homem/natureza. Keith Thomas em *O homem e o mundo natural* traz, ao delinear a concepção moderna acerca da natureza, afirma que, a partir das escrituras da Bíblia e dos filósofos clássicos, respaldavam-se os seguintes argumentos:

Na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart, a visão tradicional era que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar aos seus desejos e vontades (THOMAS, 1983, p. 1).

Macfarlane em *Montanhas da mente* observa que: “Na imaginação ortodoxa do século XVII e do início do século XVIII, a natureza era apreciada, primordialmente, na medida em que apresentasse fertilidade agrícola”. Ao longo dos séculos, a igreja teve participação ativa na formatação do imaginário ocidental: “A visão teocêntrica da idade média talvez tenha sido quem mais afugentou os aventureiros das montanhas. Nesta época, acreditava-se na Europa que nas montanhas viviam monstros e dragões” (HAUCK, 2009, p. 2).

Foi no final do século XVII e no início do século XVIII que tais debates sobre a perfeição dos desígnios do Criador atingiram sua forma mais engenhosa e extravagante. No século que se seguiu a Reforma, em contraste, a tendência dos teólogos foi colocar grande ênfase no pecado original. Passou a enfatizar o estado miserável e decadente do mundo natural, e os obstáculos que Deus tinha posto no caminho do homem; raramente se sustentava que tudo era como idealmente devia ser. Entretanto, a partir de meados do século XVII, houve uma crescente disposição a colocar em segundo plano o pecado original para destacar a não decadência da natureza, mas seu desígnio benévolo (THOMAS, 1983, p. 25).

A atribuição de valor estético e de valor temporal às montanhas e às rochas foi construída ao longo dos séculos. Em 1681, Thomas Burnet, um clérigo anglicano, publicou *A Teoria sagrada da terra*, a obra que primeiro questionou a visão bíblica ortodoxa de que nosso planeta sempre tivera a mesma aparência. “Burnet deu início a contínua investigação sobre história do planeta.” e mais que isso “foi quem introduziu na mente das gerações futuras a noção de que as montanhas eram formas ao mesmo tempo sublimes e estimulantes” (MACFARLANE, 2005, p. 35 e 37).

Apesar de ter colocado em cheque a ideia de que o mundo sempre tivera o mesmo aspecto físico, “Burnet não chegou a propor uma idade superior aos seis milênios calculados por Usher.” E foi Buffon quem “estabeleceu um panorama da história terrestre dividida em sete épocas, propondo que cada dia da Criação, na verdade, seria uma metáfora de um longo período de tempo” (MACFARLANE, 2005, p. 37). A história da percepção ocidental da natureza moldada e pautada pelas concepções bíblicas do cristianismo ecoa no presente, como tratarei no último capítulo.

Novas teorias e teóricos colocaram em xeque muitas verdades cristãs, como o escocês James Hutton (1726-1797), considerado o pai do que hoje se chama “Velha Geologia”. “A asserção final do livro por ele escrito haveria de reverberar através dos séculos: ‘O resultado, portanto, da nossa presente investigação é que não detectamos vestígios de um começo – tampouco perspectivas de um fim.’ Esse aprofundamento inexprimível da história da Terra configura a contribuição vital da geologia à imaginação coletiva” (MACFARLANE, 2005, p. 37).

Sob a oposição fundante entre homem/natureza típicas ao cristianismo ocidental erguem-se as primeiras intenções preservacionistas, que tem como marco a fundação do parque de Yellowstone, em 1872, e o decorrente modelo ianque exportado de unidades de conservação:

A idéia de parque como área selvagem e desabitada, típica dos primeiros conservacionistas norte-americanos, pode ter suas origens nos mitos do "paraíso terrestre", próprios do Cristianismo. A concepção cristã de paraíso, existente no final da Idade Média e no período anterior ao descobrimento da América, era de uma região natural, de grande beleza e rigorosamente desabitada, de onde o homem tinha sido expulso após o pecado original. (...) Esse mito do paraíso perdido e de sua reconstrução parece estar na base da ideologia dos primeiros conservacionistas americanos. Assim, Thoreau escreveu em 1859: "o que nós chamamos de natureza selvagem é uma civilização diferente da nossa" (apud Nash, 1989). Dessa forma, os primeiros conservacionistas pareciam recriar e reinterpretar o mito do paraíso terrestre mediante a criação dos parques nacionais desabitados, onde o homem poderia contemplar as belezas da Natureza. (DIEGUES, 2001, p. 27)

O exposto acima demonstra que a história da atração ocidental pelas montanhas oscila por diferentes sentimentos. Petrarca, considerado por muitos o pai do montanhismo, é tido como um dos primeiros a subir uma montanha com fins filosóficos, mas a atividade, como já exposto anteriormente, desvirtua-se dessas primeiras intenções e passa ser um meio de disputas entre

nações ou entre grupos e egos, assim como a Lua foi um dia. André Ilha escreve o seguinte no *Manifesto da escalada natural*:

Além disso, muitas dessas conquistas eram coletivas, ou seja, aquelas nas quais o sentimento maior de descoberta e criação de uma nova via é substituído por um trabalho de grupo que, embora gratificante sob certos aspectos, reduz o escalador de condição de um verdadeiro artista para a de simples operário. Resulta daí que a montanha terá que ceder, necessariamente, diante de um assalto que conte com tantos esforços alocados de forma sistemática. Isso rouba da escalada em rocha o sabor de aventura e a incerteza do resultado, sensações próprias de ascensões executadas com meios limitados e que, certamente, são dois de seus maiores atrativos. A experiência única que é a abertura de um novo traçado por uma cordada pioneira cede lugar a um avançar repetitivo, quase monótono, com o uso maciço de recursos materiais e humanos visando apenas completar a via, e não extrair dela experiências enriquecedoras (ILHA, 1983 apud GOMES, 2009, p. 111).

Os movimentos pela *escalada em livre*, como o já citado MEPA, questionam os valores de dominação e subordinação alusivos à natureza que nortearam muitas conquistas. Com o tempo, a *conduta do mínimo impacto* passa a ser um princípio institucional e a preocupação com máxima preservação da rocha também. Os binômios e a oposição homem/natureza pautados na conquista coletiva diluem-se em uma concepção individualista pautada “na troca”.

A prática da escalada liga intimamente seres humanos e pedras, sob os mais variados aspectos. Imaginação geológica não falta aos escaladores, devaneios sobre a posição, a composição e a estética das pedras são frequentes. Entre os escaladores, existe uma tendência às curiosidades geológicas, uma necessidade de conhecimento sobre as pedras. As pessoas passam a buscar informações sobre as pedras que escalam. Identificações, comentários e observações sobre as características acontecem a todo momento:

(...) Existem os tipos de pedra mais desejadas. No *sport climbing* calcário é o que predomina no mundo. *Big wall* é o granito, por conta da solidez, das fendas. O *boulder*, no Brasil, é o quartzito. (...) No Brasil a melhor pedra para *boulder* é o quartzito, que é Cocal, Conceição... agora pra via é calcário, são as melhores pedras, as que proporcionam mais possibilidades. Por exemplo, um 10c de granito é muito mais difícil que um 10c de calcário. Num é muito mais difícil, mas por exemplo, as vezes “neguinho” bota assim “Mandei um 11b.” Aí as vezes tu vê no comentário do cara, “11b de granito.” 11b de granito é mais estranho, dói mais.... é o lance da zona da dor, de você sair da zona de conforto e tal... você vai em Cocal e dói... (Pedro Raphael, entrevista 02)

Os escaladores que tenho contato demonstram sentimentos de respeito e gratidão pelo meio natural e, mais que isso, posso dizer, que alguns fundem-se a ele. Lembro-me de uma conversa informal com Lucas Marques em que ele me falou: “quando eu estou na pedra eu sou a pedra”:

Quando agarras e escalador se encontram, o objetivo principal é escalar. Quando a meta final estiver coincidindo com o processo, a relação entre eles terá a tendência de ser a de uma composição, diferente de uma relação de dominação. É perceptível que o escalador, muitas vezes, escalada com a parede, sem a pretensão de ser apoderar dela ou, muito menos, ser por ela derrubado. Não há indícios de dominação, pois se houvesse, um dos envolvidos seria degradado (MARINHO, 2001, p. 104).

Essa comunhão do escalador consigo mesmo, com o grupo e com o meio é percebida atualmente como fundamental para obtenção do sucesso em uma escalada:

A aproximação com a natureza revela o surgimento de um neoromantismo em que se busca uma reconciliação entre as forças materiais e mentais, a retomada de uma força criativa universal geradora de uma única força unificadora homem/natureza resgatando sentidos de beleza e harmonia, o estabelecimento de um movimento místico em relação à natureza, visando a experiência da unidade com algo infinitamente superior, poderoso e sagrado (COSTA M., 1999, p. 20).

“Estar conectado” pressupõe que o indivíduo esteja em um estado de plenitude, tanto consigo mesmo, como com os outros e com o meio. É comum ouvir: “Um dia de escalada é um dia de ensinamentos” ou “a pedra é sincera”. Esse aprendizado, que chamo “fator transformação”, é o que julgo como a força motriz e a essência da escalada:

(...) então eu acho que é uma troca assim de... sei lá, meio que de... é uma troca! Vai e volta mesmo... Toda vez que você acha que você já aprendeu, você aprende mais. É uma relação... direta. (Rafinha, entrevista 01).

Eu não sei se é a escalada o se é meu estilo de vida ou uma coisa foi mudando a outra...ou uma coisa foi me trazendo a outra... Mas... quero superar, ser melhor todo dia, em tudo, como pessoa, como escalador, como pai, sei lá... qualquer coisa... quero ser melhor. Acho que minha batalha é individual, comigo mesmo, sempre será (Zé Roberto, entrevista 01).

A variedade de experiências é o que forma e consolida as preferências de cada um enquanto escalador, e mais que isso, que o identifica. As diferentes modalidades engendram diferentes comportamentos, diferentes microcosmos, diferentes *capitais simbólicos*. Quando pergunto a Lucas Marques de qual modalidade ele mais gosta obtenho a seguinte colocação:

Via, sempre gostei mais de via. Eu acho que a escalada ela tá ligada a subir, claro, e tá relacionada também à exposição. Então eu acho que a montanha... Claro, tudo é escalada... *boulder* é escalada. Mas eu não consigo comparar uma montanha de 500 metros, por mais que ela seja um quinto grau, com um *boulder*. É muito mais comprometedor, o *boulder* você tá tipo na sala de casa... você sabe que você vai voltar pra casa. Você sabe que você vai embora pra sua casa. A montanha, a alta montanha, você não sabe se vai voltar pra casa. É outra parada, pode ser um quinto grau... um terceiro grau. Você não tem a certeza... não mesmo. E a esportiva tá no meio disso... a esportiva tá meio eu acho... E sei lá... Isso me fascina mais... (Lucas Marques, entrevista 01).

A escalada em rocha é uma relação com o meio natural, mais especificamente com a pedra, que envolve a transformação do corpo e da mente. Dentro desse universo, me chama a atenção, justamente, essa afirmação da transformação do indivíduo, relacionada ao fluxo de experiências que a atividade proporciona:

Eu vejo assim, eu “tô” aqui há mais de dez anos, já vi muita gente que se transforma dentro da escalada. O cara começa a escalar ele é uma pessoa, se ele ficar três, cinco anos, ele vai ter uma transformação, psicológica, ele vai ter... só com a escalada, mas assim, ele tem que virar escalador, tem que ir pra pedra, tem que tá realmente na filosofia... (Rodrigo Lopes, entrevista 01).

A relação com a atividade não se dá apenas no plano individual, mas coletivo. A “cena da escalada”, como se referem os próprios praticantes, é uma rede edificada pelas personalidades individuais e sob a qual as mesmas edificam-se. O pensamento de Bourdieu é de grande valia para pensarmos esse *campo*:

O espaço da interação funciona como uma situação de mercado linguístico, que tem características conjunturais cujos princípios podemos destacar. Em primeiro lugar, é um espaço pré-construído: a composição social do grupo está antecipadamente determinada. Para compreender *o que pode ser dito* no palco é preciso conhecer as leis da formação do grupo dos locutores – é preciso saber quem é excluído e quem se exclui. A censura mais radical é a ausência. É preciso pois considerar as taxas de representação (no sentido estatístico e no sentido social) das diferentes categorias (sexo, idade, estudos, etc), logo as probabilidades de acesso ao local da palavra – e depois, as probabilidades de acesso à palavra, mensurável em tempos de expressão. (...) O espaço da interação é o lugar da atualização da interação entre os diferentes campos. Os agentes na sua luta para imporem o veredicto *imparcial*, que dizer, para fazerem reconhecer a sua visão como objetiva dependem da sua pertença a campos objetivamente hierarquizados e da sua posição nos campos respectivos.(...) (BOURDIEU, 1989, p. 54)

As estratégias dos diferentes atores, e em especial os efeitos retóricos que têm em vista produzir uma fachada de objetividade, dependerão das relações de força simbólica entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos confere aos diferentes

participantes ou, por outras palavras, dependerão dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais que, nesta situação particular de luta simbólica pelo veredito neutro, lhes são garantidos pela sua posição nos sistemas de relações invisíveis que se estabelecem entre os diferentes campos que eles participam. (BOURDIEU, 1989, p. 57)

Em cada estado, em cada microcosmo, existem os escaladores mais atuantes, *agentes* reconhecidos:

O que a escalada significa pra mim é diferente. Assim como para outras pessoas, o Belezinha, o Duda, o Rafinha, o Danielzinho, um cara que já competiu, que já foi protagonista de muita coisa. Essa galera do montanhismo assim, o Tartari, o Portela, os caras sinistros... Os caras sinistros da escalada, escalada significa uma outra coisa. “Ah, eu faço pra mim mesmo, porque eu gosto”. Não, você faz pra você, mas você tá fazendo história, você tá fazendo outro esforço, você tá fazendo por todos, alguém um dia vai repetir o que você fez, vai utilizar ou vai tentar. (Pedro Raphael, entrevista 01).

Constato que existem protagonistas desse *campo*, pessoas que são o próprio *campo*, que a própria história de vida é a história da escalada, e vice-versa, como Ingold constata:

Envolvido dentro das pessoas encontram-se as histórias de suas relações com o ambiente; envolvido dentro do ambiente encontram-se as histórias das atividades das pessoas. Assim, cortar as conexões que vinculam qualquer pessoa ao seu ambiente seria o mesmo de eliminá-los do passado histórico que a fez ser quem é (...) (INGOLD, 2000, p. 9).

A escalada existe enquanto um cosmo, repleto de microcosmos, que se tocam e se distanciam em inúmeros aspectos. No entanto, existe uma história, que apesar de sabermos que nunca será única, é uma história singular, com sua *cronologia específica*, como coloca Bourdieu:

(...) não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica (BOURDIEU, 1983, p. 137).

A integração e a globalização são dois fenômenos que constroem esse universo. *Climb* significa escalada. Essa é apenas mais uma dentre as muitas palavras da língua inglesa que constituem o vocabulário dos escaladores. Versões abrigadas de “come on”, “good”, “vibe”, “hard” e muitas outras palavras são pronunciadas com frequência. Atribuo esse fato ao papel que Internet desempenha:

(...) através da Internet você sabe os lugares onde você pode ir, os vídeos. Começa aí, é muito visual, contato visual, você num vai pra um lugar que você não viu porque os outros falaram que é bom... escalar é viajar, é conhecer gente, cultura, é uma porta de entrada pra conhecer o mundo. (Pedro Raphael, entrevista 02)

As redes da escalada estão cada vez mais integradas, principalmente quando se trata da escalada esportiva e do *bouldering*. Identifiquei que o contato entre os escaladores se dá principalmente em três planos: nos picos, ou seja, durante a escalada em rocha, nos centros de escalada e na internet. A internet é o principal veículo de integração, contato e divulgação, tanto local quanto nacional e internacional: todos se “veem” o tempo todo. É um plano em que as notícias e os vídeos atravessam o mundo em segundos e, o mais importante, onde se estabelece a comunicação instantânea e a manutenção de laços perenes. Hoje em dia escaladores novatos estão lado a lado tanto com pessoas que escalam há vinte, trinta anos, precursores de todo um movimento como com os atletas de ponta.

As mídias virtuais, com destaque para o papel do Facebook e do site 8a.nu, são fundamentais para a atual configuração desse campo, e mais que isso, são o próprio *campo*. Não existe uma descontinuidade entre a “realidade” e a “virtualidade”. A internet abriga relações, diálogos e registros: é uma manifestação pública, concreta e real de toda uma rede, no caso, a rede da escalada.

O site 8a.nu é o maior banco de dados mundial de escalada para vias esportivas e *bouldering*, fornece os *rankings* nacionais e internacionais da maioria dos países. É a mídia virtual mais importante para o universo da escalada, em nível local, nacional e mundial. O escalador registra seus feitos: os *boulders* e as vias que abriu (for o primeiro a subir) ou que ele *encadenar*, ou seja, subir sem nenhuma queda. O *site* registra as ascensões e ranqueia os escaladores, em nível nacional e mundial. Desempenha o papel de uma enciclopédia/coluna de fofocas/guia de escalada simultaneamente. Funciona também como uma espécie de Facebook, com perfis, fotos, comentários e *chat*, como um portal de notícias e vídeos, mas em que principal função é ranquear e registrar. (fotos do site em anexo, 11.3) Os escaladores se referem ao portal como “8.a”, é comum ouvir conversas sobre registros ou polêmicas que se iniciam na rede.

A maioria dos escaladores tem um perfil no Facebook, assim como no *site 8a.nu*, as grandes e as pequenas marcas se promovem por blogs e redes sociais, as associações, federações

e confederações divulgam suas ações, como os festivais, existem inúmeros “grupos” de escalada, enfim todo o cenário real manifesta-se e, mais que isso, concretiza-se no plano virtual.

Os festivais voltados para a escalada e esportiva e para o *bouldering* são a manifestação do lúdico, do entrosamento e do desenvolvimento de uma rede de relações, consolidada e perpetuada por meio da Internet. Os festivais são eventos voltados para desenvolver os *picos* de determinada região e integrar os escaladores dos diversos estados. Podem ser de iniciativa privada, promovidos por alguma marca, ou de iniciativa coletiva como os festivais promovidos por associações e clubes. Esses encontros são cada vez mais frequentes e frequentados, mais divulgados, principalmente pela internet, e mais bem organizados, o que ilustra a solidificação de diversas redes dentro de um campo maior.

Os laços de amizade entre as pessoas que viajam juntas tendem a se fortalecer, é comum ouvir que você só depois de uma *trip*, ou seja, de uma viagem, que você passa a conhecer seus parceiros. Muitas situações, corriqueiras ou inesperadas, estão o tempo todo colocando em xeque as condutas e as capacidades de cada um.

A soma de experiências que cada um e todos juntos têm ao término do festival, via de regra, é registrada por fotos e vídeos, e os momentos lembrados e revividos durante muitas conversas. Os escaladores de outros estados, que saem de suas casas, viajam quilômetros de carro, cerca de dois dias, contando um para ida e uma para volta, para escalar intensamente durante três ou quatro dias entram em uma “experiência sem volta”: estarão submersos na convivência em grupo até o retorno. Fora os festivais que acontecem nos períodos de férias, os que são organizados ao longo do ano, durante os feriados, têm essa característica de curta duração, porém de alta intensidade: um fluxo de experiências ininterrupto e abundante.

Uma viagem feita com o propósito de escalar é um dos bens mais valiosos para todo escalador, possui um elevado valor simbólico, que repercute individualmente e coletivamente. As *rock trips*, constroem muitos laços, entre escaladores e entre grupos, promovendo uma integração interestadual e internacional entre pessoas dos mais diversos lugares:

Quando você vira escalador mesmo você muda completamente seus hábitos, parece que você faz tudo pra aquilo, mas não com relação ao físico, com relação a vivência mesmo... eu acho que é um esporte que te leva muito mais a fundo, você tem que conhecer muito

mais lugares, cada pedra é uma pedra, cada tipo de pedra tem uma aderência, cada lugar que você vai você demora mais pra se adaptar, uns você demora menos, uns você faz vários amigos e aí você vai escalar muito mais, outros você vai, não faz amigos, não vai escalar (Rafael Passos, entrevista 01)

(...) a especificidade da nossa atividade, ela tem um fim muito mais profundo em cada lugar que a gente vai... Você fala com um mineiro sobre a Serra do Cipó, ele só vai saber da Serra do Cipó da cachoeira que você paga ali (...). É o que a gente tem muito, essa facilidade de encontrar os lugares. Muitas vezes a escalada faz tanto parte da sua vida, que quando você vai a trabalho ou com família, você tenta não perder a oportunidade de conhecer um lugar... independente se é “paia” ou não, se for bom melhor ainda... A especificidade é viver o novo... sempre.... viver o novo... (Pedro Raphael, entrevista 02)

Conhecer novas pedras, escalar em novos ambientes, é um propósito e uma dádiva aos que se permitem. A escalada proporciona o autoconhecimento a partir da relação com os outros e com o meio. As viagens, independente do propósito, intensificam e solidificam as redes e os laços de amizade entre os escaladores das mais diversas regiões do Brasil e do mundo.

6 A PEDRA, O CORPO E A MENTE: faces de uma relação

O que julgo como a essência da escalada é a transformação do ser, que se dá por meio de múltiplas relações com a pedra:

Você quando se envolve mais com a escalada você vai tá querendo fazer aquilo ali de uma maneira mais fácil, mais leve, podendo evoluir, então você vai tá sempre buscando a sua perfeição, vai treinar, vai comer melhor, vai se preparar (...) é uma atividade muito saudável, você muda o corpo, você muda a cabeça, é saudável tanto pra cabeça quanto pro corpo... Na verdade, as vezes você tem muito mais benefícios na sua cabeça, na formação do seu caráter mesmo... pela complexidade da atividade... de você viajar, de você escalar, passar *veneno*... (Pedro Raphael, entrevista 02)

Corpo e mente... é um esporte que exige muita disciplina... não aceita diversas coisas, e ao mesmo tempo é muito liberal com muitas outras... se você não comer bem, você não vai escalar bem, se você se empanturrar você não vai escalar bem, se você tiver pensando no trabalho, na escola ou na briga com a namorada você não vai escalar bem, pode ser que você se debata na pedra, né? Mas escalar bem.... (Gabriel Azevedo, entrevista 01)

A seguir apresento situações, sensações, referências e trechos de entrevistas que trazem o que julguei como os aspectos fundamentais da escalada. Construo um raciocínio que pretende captar não os comportamentos individuais, mas as faces dessa relação. A primeira observação se dirige a concepção recorrente de que a escalada só pode ser compreendida por quem escala:

Os esportes são difíceis... num é fácil gerar... dinheiro! A escalada eu não sei se é um esporte que gera telespectadores que não sejam escaladores. Você põe um cara pra escalar uma *parede*, por mais difícil que pareça pra gente que se entende, pra quem não entende parece que o cara tá passeando... o cara não sente aquilo que a gente sente. Num sabe o que o cara tá fazendo, num sabe o que tá acontecendo... A escalada você só sabe o que é depois que você escala (Bera, entrevista 01).

A gente colocando a escalada como um estilo de vida, para aqueles que são escaladores, que sabem das coisas, isso é muito óbvio, mas para aqueles que não têm noção do que isso representa, ele não vai saber... (Pedro Raphael, entrevista 01).

Essa constatação, praticamente universal, entre os praticantes é desafiadora para mim como antropóloga e como escaladora: é o reflexo da riqueza dos simbolismos, das significações e das possibilidades de vivência dessa prática. Marinho (2001, p.) narra que: “Então, por me sentir atraída, decidi praticar a escalada. Se eu fosse tentar escrever as sensações as quais a atividade me proporcionou, estaria reduzindo-as e, definitivamente, não conseguiria.”

A conexão entre o plano mental, físico e espiritual é constante em todo o processo de compreensão do que a escalada significa. Pedro Raphael faz uma colocação ilustrativa: “(...) tem uma frase de um papa: existem pessoas que encontram Deus nas montanhas. Então é essa introspecção individual que a escalada traz... o ato da escalada, o montanhismo, com o autoconhecimento, a espiritualidade.” Rafinha também fala sobre isso quando pergunto sobre a abertura de *linhas de boulders*:

Eu acho que a gente aprende os movimentos mas eu acho que é um aprendizado mental também... para lidar com aquilo. Você fala “caramba, esse jeito aí eu vou tentar assim...”. Antes de você tentar você já pensa em alguma coisa. Acho importante essa parada do pensar mesmo, do cognitivo. Mas o que mais conta pra mim é o espiritual mesmo... A pedra tá lá há milhões de anos, nunca foi tocada... Aí eu vou ser o cara que vou olhar o bloco e vou falar quero subir aquele bloco... (Rafinha, entrevista 01).

Entendo essa dimensionalidade de tempo que a escalada ativa em muitos praticantes como um “ganho filosófico” e um traço constituinte nessa relação. A rocha é percebida como um *agente*, dotada de intencionalidade, e apreendida em suas múltiplas características, como a idade, a estética e a composição. O texto intitulado *Dia de culto*, escrito por Lucas Oliveira, conhecido como Castor, escalador e antropólogo, e disponibilizado no *site* da Pedra Viva, sua produtora de vídeos (de escalada, é claro), foi um dos materiais que me inspirou em diversas etapas dessa pesquisa:

Finalmente, as pedras. Subimo-as, mas dizer isso é pouco. Extasiamo-nos frente às suas curvas, suas cores, sua peculiaridades, suas ranhuras, aos calangos, aranhas, plantas e tantos outros que nela acham sua morada. Eu nunca vi uma pedra feia. Escovamo-as, às vezes com uma força brutal, outras com a delicadeza de um artesão que molda sua argila. Conversamos com elas, pedimos sua permissão para subir, fazemos um carinho, ou, quando estão relutantes e insolentes em nos permitir uma cadeia, as xingamos (mas cuidado, ela não vai deixar você subir!).

As variadas experiências em um dia de escalada, muitas vezes, envolve a frustração. “Tomar uma taca”, “a pedra não deixou subir”, “a pedra educa” são algumas dentre as muitas expressões que atribuem *agência* à rocha:

Quando se trata de reunir humanos e não-humanos, também não podemos deixar de nos referir ao pensamento de Latour (1988:35). Uma inspiração aqui é a ideia latouriana de que não conhecemos de antemão os agentes envolvidos na ação, ou nas palavras do autor “nós não sabemos quem são os agentes que fazem o mundo. Devemos começar com essa incerteza se pretendemos entender como, pouco a pouco os agentes definem uns aos outros, intimando outros agentes e atribuindo a eles intenções e estratégias.” (1988:35).

As coisas só ganham existência a partir de testes de força o que soa muito similar a ideia de Gell de que não se pode dizer que alguém/algo é um agente antes que *aja como tal*, ou seja que perturbe o ambiente causal de modo que a perturbação possa ser atribuída a sua agência. (LATOURE, 1998, p. 2) (SANTOS, 2010, p. 5).

As pedras são o motivo, a razão e o sentido da existência de um universo. Quando alguém sobe uma pedra seja o primeiro ou não, inaugura-se uma relação. Na escalada, pedras e pessoas existem simultaneamente e condicionalmente em um circuito muito amplo de significações:

(...) depois que eu morrer todas essas linhas vão tá aqui, é igual um artista que deixou uma pintura, um cantor que deixou uma música, a parada nunca mais vai... Então é uma forma de se eternizar mesmo na terra, como escalador, quando você faz uma linha, você conquista, as vezes pode conquistar a linha mesmo, de você descobrir o lugar, você foi lá, olhou aquele lugar, viu aquele bloco, ou então você foi o primeiro a subir, outra pessoa te levou naquele bloco. Mesmo sendo assim eu acho que você foi presenteado com o acontecimento... (Rafinha, entrevista 01).

Toda linha recebe um nome e um grau. O nome é dado pelos conquistadores e sempre traz uma ou várias histórias. Pode ser uma homenagem a um lugar, a uma pessoa ou a outro escalador. Pode ser uma referência a alguma piada ou a algum fato que aconteceu no dia da conquista, uma alusão a um movimento, a uma música, entre muitos outros prováveis e improváveis motivos. O grau não apresenta a “imutabilidade” do nome. Talvez, ao longo dos anos, alguma agarra quebre e dificulte a subida, elevando o grau, ou que alguém descubra um novo jeito e facilite, *decotando* o grau, ou seja, abaixando. “Consenso” é uma palavra que define o que é a graduação:

Quando eu comecei a escalar a galera sempre se questionava com relação aos graus dos *boulders* e ficava naquela... de comparar e de chegar a um consenso. Tanto é que nesse início de graduação tinha a graduação em “V” e tinha a graduação do Rio, que era como a graduação de via, só que pra *boulder*, mas não pegou, o que pegou é o “V”. Se você foi no Rio de Janeiro eles graduam como via, 7B, 7C, e tal... como a francesa, só que é outra... equivale a outras intensidades (Pedro Raphael, entrevista 01).

Em *boulder* é simplesmente visualizar um “caminho” e subir, fala-se “Fulano abriu o *boulder* tal”. A graduação brasileira é em “V”, do V0 (V zero) ao V 14 (V quatorze) e para vias esportivas é em números e letras e vai do IIIA ao XIIC. Em vias é preciso visualizar o “caminho”, subir e instalar as proteções, fala-se “Fulano *conquistou* a via tal”.

O grau geral tem o objetivo de expressar a soma de todos os fatores objetivos e subjetivos que traduzem a dificuldade de uma via. Trata-se de uma média das dificuldades técnicas

encontradas ao longo da via, que por sua vez pode ser ajustada de acordo com os fatores subjetivos, caso estes tenham um peso relevante na dificuldade geral. Entre esses fatores estão, distância entre as proteções, periculosidade das quedas, existência ou não de paradas naturais para descanso no meio as enfiadas e possibilidade de abandono do meio da via (FEDERAÇÃO..., 2003).

Escalar demanda técnica. Cada escalador desenvolve a sua capacidade técnica de uma forma. Pode-se dizer que a técnica é um conjunto de capacidades corporais, mentais e instrumentais que cada indivíduo adquire ao longo da vida de escalador e que o capacitam a subir determinada rocha. Em cada variação da escalada se estabelece um tipo de relação com a rocha, o que implica diferentes demandas técnicas. A técnica é um todo, é una, indivisível, no entanto, envolve duas dimensões. Essas duas dimensões se desenvolvem de forma paralela, ao longo do contato com a escalada. A primeira dimensão da técnica é a instrumental, e está relacionada com a segurança, com a capacidade em lidar com os equipamentos, com a tecnologia. A segunda está relacionada com a habilidade e com a capacidade em subir determinada rocha. Essa capacidade envolve o corpo e a mente. Mas não apenas a habilidade em lidar com os equipamentos somada às capacidades físicas e mentais garantem o sucesso de uma escalada:

A complexidade na apreensão do espaço e dos sinais da natureza, tanto do ponto de vista sensorial, quanto afetivo, técnico e sensorial faz com que o aleatório e a intuição sejam por ele considerados. Cada decisão do praticante é uma aprendizagem vital, caso contrário poderá enfrentar riscos desnecessários (COSTA, 1999, p. 21 e 22).

A intuição é vital. Em cada modalidade estão envolvidas diferentes doses de comprometimento mental e corporal. Mas a força da mente, da autoconfiança, é decisiva: “No caso da escalada, a confiança é a atitude que proporciona segurança. Confiança no equipamento, nas técnicas, em si mesmo e no parceiro.” (COSTA, 2004, p. 62)

Os equipamentos são, como coloca Marinho (2001), “um prolongamento do corpo do escalador.” Objetos pelos quais as pessoas demonstram cuidado e apressamento, e que fazem parte dessa relação não apenas como mediadores, facilitadores ou intermediários, mas como *agentes*. O mal uso do equipamento, ou o equipamento desgastado pode matar.

A escalada de vias envolve a vida e o risco de acidentes, seja uma subida de várias cordadas e exposta, como um *big wall* ou de apenas um cordada e bem protegida, como as vias esportivas. A fala de Gigante e a teorização de Dias são simbioticamente ilustrativas:

Agora uma coisa que eu acho que gera muita união, galera se ajudar assim, é por que tu tá sempre lidando com a vida do outro. Quando tu tá dando a seg, tu tá lidando com a vida do outro cara. Quando tu tá lá, escalando, o cara tá lidando com a tua seg... com a tua vida... (Adivaldo Martins, entrevista 01).

A interdependência entre os escaladores, onde a segurança de um está condicionada pela do outro, onde a corda que prende os escaladores uns aos outros assume um simbolismo de ligação, incentivaria um estilo de comunicação mais relacional, isto é, mais comunicativo e menos estratégico. Ressalta-se que certos montanhistas veem na união com os outros um êxtase em si mesmo (DIAS, 2007, p. 5).

Está na “seg.” quem maneja os equipamentos enquanto o outro escala. Na segurança de vias o escalador confia sua vida ao seu parceiro, ao seu “seg.”. A segurança e o risco são binômios que se manifestam em todas as modalidades, em diferentes graus e sob diferentes discursos:

É arriscado, é perigoso... Você precisa de alguém, de um apoio, então não é uma coisa que você faz 100%, independente, nem sempre, não até você chegar aonde você quer chegar, você vai precisar de um apoio.... Mas é uma esporte muito consciente também, exige muita responsabilidade, você nota as pessoas que vem pro Cocal, naquele gás, já chega e quer subir tudo, não se preocupa com o *crash* as primeiras vezes, e logo aí, depois de um tombo, automaticamente as pessoas vão buscando... é arriscado, é perigoso e isso varia de grau, você pode quebrar o pé em um V1 e se dá bem em um 10a... Uma pedra pode quebrar, uma mão pode escorregar, uma chapeleta pode estourar, né? (Gabriel Azevedo, entrevista 01).

Existe o risco inerente, devido à altura, e aos consequentes imprevistos, como observa Gabriel. No entanto, é muito comum ouvir que “a maioria dos acidentes é causado por erro humano.”. A segurança e o risco são diretamente proporcionais as vontades e escolhas do escalador, como coloca Pedro Raphael:

(...) O risco é pegar o carro e ir escalar, escalar mesmo é seguro, é muito controlável... Quanto mais técnico, exigência técnica e grau de dificuldade mais seletivo vai ser, escalada democrática ela não é seletiva de nada, um maluco amputado, ou com vários problemas, com síndrome de *down*, ele pode escalar.... O risco é muito calculado. O risco ele é diretamente ligado com as capacidades físicas e mentais das pessoas... O risco é você quem faz, totalmente. (...) Quem impõe as dificuldades da experiência, o nível de stress mental através do risco é a pessoa, é arriscado, tudo é arriscado, mas você que calcula isso, ninguém fica fazendo as paradas pra se foder... você acha que o cara sola pra ele cair lá de cima e morrer? O cara vai solar por quê ele não vai se foder... O risco existe porque a gente escala contra a gravidade, mas o risco não é fator determinante, não é mesmo. Ninguém escala pra se foder, ninguém entra pra se foder, entra por diversão, e vai cada vez se envolvendo mais, se apaixonando e indo pra linha que mais satisfaz, se é o móvel,

se é o *boulder*, se é... e vai indo, não por conta do risco, vai porque quer escalar um coisa massa... tem gente que acha que escalada é morrer! (Pedro Raphael, entrevista 02).

No plano individual o “pensar com o corpo”, a inteligência corporal é um dos fatores que determina o sucesso em uma ascensão. A relação com a rocha, e com o meio de uma forma geral, gera um o fluxo de vivências, que o corpo experimenta:

O prazer do risco está no controle necessário para experimentá-lo com segurança, fazendo com o que parece ser perigoso para quem observa seja, para o participante, uma simples questão de inteligência, habilidade, intuição coordenação, ou em uma palavra: experiência. Escalada em particular, é um passatempo paradoxalmente intelectual, mas com a seguinte diferença: você tem que pensar com seu corpo. Cada movimento tem que ser trabalhado como se você estivesse jogando xadrez com seu corpo. Se eu cometo um erro as consequências são imediatas, óbvias e, provavelmente dolorosas. Por um curto período eu sou diretamente responsável pelas minhas ações. No belo, silencioso, mundo das montanhas, me parece válido esse pequeno risco (A. Alvarez)⁴.

Zé Roberto e Lucas Marques são os entrevistados que têm mais contato com a escalada de paredes. Trago trechos já expostos anteriormente, mas que elucidam uma comparação construtiva entre as modalidades:

(...) o *boulder* você tá tipo na sala de casa... você sabe que você vai voltar pra casa. Você sabe que você vai embora pra sua casa. A montanha, a alta montanha, você não sabe se vai voltar pra casa. É outra parada, pode ser um quinto grau... um terceiro grau. Você não tem a certeza... não mesmo. E a esportiva tá no meio disso... a esportiva tá meio eu acho (...) (Lucas Marques, entrevista 01).

(...) o montanhismo é um negócio totalmente completo. O cara pra ser montanhista e fazer tudo, ele pode não ter o grau alto, mas ele tem que escalar de *boulder* a tudo. Diferente de quem só escala *boulder*, eu vejo o negócio bem numa escala mesmo. Não de hierarquia mas de complexidade, de quantidades de técnicas envolvidas. (...) (Zé Roberto, entrevista 01).

O *boulder* é considerado a modalidade mais segura, não pelo fato do risco de acidente ser inexistente, mas pelo risco de morte ser praticamente nulo. Já na escalada de paredes acontece o oposto:

(...) tem hora que eu passo o maior veneno. Nossa, eu passo muito medo! Tem hora que eu passo muito medo, tem hora que eu acho que eu vou morrer, certeza... Mas sei lá, é conseguir controlar essa parada... Tem situação que a parede que te mostra isso, que não tem jeito, sacou? Você tem que tocar pra cima, se você ficar ali parado, você morre. Se eu ficar ali parado, eu vou “bombar”, eu vou cair, eu vou morrer. Então não tem jeito, é

4 Frase citada por MARSKI FILHO, 2013.

tipo igual a vida, a vida, a energia, tudo é movimento. Movimento puro, você tem que tá em movimento, se tem energia tá em movimento. E a escalada é igual, a escalada te mostra isso, se você fica dando mole, “paradão”, você tá “fudido”, achando que vai morrer “expostão”, mas você tem que tocar pra cima, se mexer, fazer alguma coisa, pensar pelo menos, tentar se proteger, se mexer, tentar relaxar... Isso aí é muito doido, que na parede isso é bem extremo assim, você tem que fazer. Num tem uma chapa em baixo, você fazendo ou não fazendo vai cair e vai tá bem, você tem que fazer, você num pode pensar nisso também (...) você conseguir chegar nessa concentração é tipo uma meditação mesmo, isso que eu curto com as vias... o tempo que você fica assim, sabe? Você sair do chão... escala 5 horas, 4 horas, direto, é 5 horas, 4 horas de meditação, poucas vezes você sai, você perde e volta um pouquinho, pensa em alguma coisa, mas é sempre concentrado em técnica, você não tá pensando no mundo, “se a mulher, se o filho, se o dinheiro...” Você tá escalando. “Agora, eu tô escalando.” É um negocio que te traz pro presente... pro momento, pra quem você é mesmo. Você se encara na escalada. A escalada é sincera, né? O cara pode vender a imagem que quiser, mas na hora que ele escala, a pedra fala pra ele quem ele é na escalada. Só escalando pra entender, quem não escala não sabe... (Zé Roberto, entrevista 01).

A fala de Zé Roberto reflete a lucidez que todo escalador deve ter com relação à possibilidade de execução ou não de uma via. O corpo protagoniza:

“A pele, tecido comum com suas concentrações singulares, desenvolve a sensibilidade. Ela estremece, exprime, respira, escuta, vê, ama e se deixa amar, recebe, recusa, recua, eriça-se de horror, cobre-se de fissuras, rubores, feridas da alma. As doenças mais instrutivas, os males de identidade afetam a pele, formam tatuagens que escondem tragicamente sarapinturas de nascença e de experiência. (...)” (SERRES, 2001, p. 47)

Reconhecer os próprios limites é um dos princípios básicos da atividade, inclusive nos termos de sua institucionalização:

Responsabilidade pessoal

A escalada e o montanhismo possuem riscos inerentes que devem ser conhecidos e aceitos por seus praticantes. Cada escalador e montanhista deve ser responsável por escolher seus próprios desafios e seu nível de comprometimento de acordo com sua experiência e capacidade técnica, tornando-se responsável por sua própria segurança. Esse é um dos princípios mais intrínsecos ao montanhismo (CONFEDERAÇÃO..., 2013).

O artigo Julia de Otero dos Santos sobre a patrimonialização do Ayuaska foi de grande valia para a elaboração das minhas ideias. Ao substituir as palavras *ayuaska* e *beberagem* por *escalada* e *pedra* tenho o intuito de retificar que essa atividade deve ser apreendida em sua múltiplas possibilidades e contextos e que essa pesquisa é fruto do meu olhar:

Ao levarmos em conta as redes e contextos em que *a escalada* está inserida, estamos mais aptos a perceber como ela adquire significados a partir da relação entre os vários agentes que compõem essa rede, o que implica que a variação dos elementos e de seus arranjos sociais acaba por criar uma diversidade de *escaladas*. Nessa imensidão de conexões, a *pedra* não é um objeto do mundo natural a ser significado culturalmente, mas um agente/paciente sempre determinado pelos efeitos das ações dos outros atores envolvidos. Seu estatuto ontológico depende dos outros termos das relações e batalhas em que se engaja. Como diria Latour, “novos testes produzem um novo agente” (1988: 98). Assim, em cada rede e contexto por onde a(s) *escaladas(s)* transita(m), criam-se sentidos, sujeitos e objetos distintos⁵ (grifos meus, SANTOS, 2010, p. 15).

As experiências constroem-se dialeticamente entre o plano individual e o coletivo, entre o escalador e as pedras, entre o passado e o presente:

Minha tese básica, no entanto, é que vida é dada no engajamento, não no desengajamento; ou como Whitehead comentou, ‘desde o momento do nascimento, nós estamos imersos em ação e só podemos guiá-la, irregularmente, tomando consciência’ (1938:217). Antropologia ecológica, lidando com as relações humanas com o ambiente no processo de vida, deve ter a condição de engajamento como seu ponto de partida. Temos, portanto, que derrubar a priorização Cartesiana da cognição sobre ação, ou pensamento sobre a vida. Só assim pode fazer o dualismo de cultura e natureza ser substituído por sinergia entre pessoa e ambiente (INGOLD, 2000, p. 4).

Existe uma rede de pessoas, locais e pedras que é o cerne da escalada: um universo que deve ser apreendido em suas nuances e especificidades, a partir de seu movimento próprio.

5 Houve substituição das palavras Ayuaska e beberagem por escalada e pedra.

7 O CENÁRIO DA ESCALADA LOCAL: do muro à pedra

A cultura da escalada em Brasília é algo recente. Existe um cenário bem definido, posições bem reconhecidas, enfim, uma história contemporânea da escalada. Os antigos escaladores continuam ativos, e dois deles são os donos dos dois únicos muros de escalada da cidade, que funcionam como “academias”.

Esse “universo da escalada” pode ser visível para qualquer um, mas apenas para os que estão de dentro ele é pleno de sentido. “Os que estão de dentro”, ou seja, as pessoas que são o “foco” dessa pesquisa, são as que vivem a escalada: que estão não só nos muros, mas principalmente *nas pedras*. Essas pessoas estão inseridas dentro de um *cosmo* e de um *habitus*. Rodrigo Lopes, conhecido como Bera, dono do muro da Ibiti, faz a seguinte observação:

Eu acho que tem uma galera mais firme. Na verdade, a escalada tem muita gente, mas tem uma galera. E essa galera tá crescendo e ficando fiel, rola uma fidelização, que tá inflando. São verdadeiros escaladores que estão ficando. Como eu fiquei daquela época, vinte anos já de escalada... Eu vejo uma galera que tá chegando agora com a mesma vontade e dedicação que eu e outros daquela época que ficaram até hoje, que daqui vinte anos talvez estejam aí escalando... E que a gente vai tá se encontrando. Isso, como Rafinha, Digão, Horse, essa galera que escala há 10, 12 anos, uma década depois que eu comecei... (Rodrigo Lopes, entrevista 01).

A escalada pode ser interpretada como realidade individual, mas também como um “meio”, um “pedaço”, nos termos de Magnani:

Segundo a conhecida fórmula damattiana, têm-se dois planos, cada qual enfeixando de forma paradigmática uma série de atitudes, valores e comportamentos, uma delas referida ao público e, a outra, ao privado. O pedaço, porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes e a rua é dos estranhos (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula “você sabe com quem está falando?” para delimitar posições e marcar direitos), o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer (MAGNANI, 2002, p. 21).

Os muros, estruturas incrustadas de resina, são espaços centrais para pensarmos a escalada contemporânea e suas redes de sociabilidade. Pedro Raphael faz uma observação muito lúcida:

A democratização é a simplificação do montanhismo, em que o ápice é a *resina*... O ápice ou o início, por que agora o ápice é o início, antes as pessoas começavam lá. Hoje é quase ao contrário. Você vem no que aconteceu e faz o caminho inverso. É o que a maioria passa, esquecendo o trekking, vamo falar de subir pedra... A pessoa pode até ter um contato na pedra a primeira vez, mas a grande maioria vai começar no muro (...) (Pedro Raphael, entrevista 02).

O muro representa uma possibilidade de acesso à escalada em rocha. Muitas pessoas estabelecerão parceiros para *ir pra pedra* durante os “treinos”, outros não. Existe uma jocosidade entre os assíduos praticantes da escalada em rocha em relação aos que escalam apenas nos muros, que são chamados de *escaladores de laboratório*. Dos primeiros é comum ouvir conselhos como “Quer escalar bem? Vai pra pedra.” Pedro Raphael ilustra essa oposição:

Tanta gente que escala aqui e nem escala na pedra, vai pra pedra só dar uma “blefadinha” e tá de boa, que ficar só treinando ali, 90% das pessoas só vem aí, a maioria, pra dizer que é escalador igual a gente que fica na pedra lá, gasta o dinheiro inteiro, o tempo, 10% no máximo... (...) (Pedro Raphael, entrevista 02).

O acesso à escalada em rocha é uma experiência que não ocorre da mesma forma para todos os praticantes. Comigo se deu naturalmente, logo nas primeiras semanas de treino na Ibiti firmei parcerias para *ir pra pedra*. Aos poucos fui conhecendo os escaladores, os novatos e os veteranos. Tanto os treinos como as idas à rocha me proporcionaram uma visão privilegiada da “cena” da escalada em Brasília. Mas para muitas pessoas não acontece dessa forma. Gomes (2009) relata sua experiência:

A constituição de um acervo minimamente necessário para a prática da escalada configura-se como o primeiro grande obstáculo a ser rompido por quem pretende se iniciar nessa atividade. A aquisição e a seleção de saberes, muitos destes complexos, estão diretamente relacionadas aos parceiros e ao grupo no qual se insere. Portanto, superar esta etapa de aquisição de saberes, esteve para mim e está para aqueles que se iniciam no esporte, relacionado dialeticamente à inserção em um grupo. Ser integrante de um grupo em que circula uma gama de conhecimentos sobre como, onde e com que se joga ou se pratica o jogo da escalada configura-se numa tarefa duplamente complexa para quem deseja se iniciar nessa atividade (GOMES, 2009, p. 13).

Fazer parte desse *grupo* e ser reconhecido como parte dele pode ser uma etapa, e assume diferentes significações e conotações para cada escalador. Percebi que os escaladores mais integrados ao campo costumam ter muito claro na memória quem os *iniciou*. A maioria foi convidado ou estimulado a escalar por alguém que já escalava, normalmente amigos, irmãos ou namorados, o que facilita sobremaneira a sociabilidade e a inserção no citado *grupo*. Já as

peessoas que “caíram de paraquedas” nos muros de escalada, mais novas ou que são muito tímidas são as que apresentam mais dificuldade para se enturmar, principalmente com relação ao acesso à escalada em rocha. Pedro Brito, meu colega de treino e parceiro na minha última viagem, tem dezoito anos e apesar de escalar há um ano na Ibiti, contou que não costuma ir *para pedra* por falta de *bonde*, ou seja, de parcerias, o que ilustra a dificuldade narrada por Gomes.

Dessa forma, os muros serão como uma espécie de “portal para as rochas” apenas para alguns. Outros, por terem sido iniciados por veteranos terão esse “passaporte” em mãos. E muitos ou por opção ou por falta de acesso não se lançarão às pedras. Há também os que só escalam *na pedra* e sequer frequentam os muros. Os muros de escalada são vivenciados de forma única por cada escalador. São uma das principais possibilidades ou opções de sociabilidade para quem deseja escalar em rocha. É comum os escaladores quando vão para outros estados ou países irem até os muros em busca de parcerias ou informações para a escalada em rocha. Mas para quem vai ou começa a ir à pedra com frequência o muro passa representar, uma possibilidade de evolução, ou seja, um local de treino:

O muro pra mim é lugar de treinamento, treinamento e aprendizado, com certeza. Eu comecei escalando na rocha mas minha técnica e força vêm do muro. A evolução com certeza é na rocha mas questão de treinamento, de aprimoramento de técnica, de força, de você tá ali fazendo uma força constante (Luiz Henrique, entrevista 01).

A fala de Luiz revela vários pontos para pensar a importância dos muros de escalada. Durante a semana a maioria dos escaladores trabalha ou estuda e os muros sempre existiram como uma possibilidade urbana e “imediata” de contato com a escalada. Certa vez, Bera ao me mostrar a foto de um muro que ficava na casa de um colega comentou: “Esse murinho foi a evolução!” (fotos em anexo, 11.1). Como tratarei mais adiante a graduação é uma importante face desse jogo, e os muros são essenciais para a “elevação do grau”, de cada escalador e da escalada em si. Percebo características de continuidade entre os ambientes artificiais e os ambientes naturais, principalmente se tratando da performance, do discurso e da sociabilidade. “Os muros de escalada, espalhados pelos diversos cantos da cidade, surgem, portanto, enquanto formas de inovação e expressão cultural contemporânea, solidificados por uma política de amizade” (MARINHO, 2001, p. 1).

Os treinos proporcionam um contato regular entre os escaladores, o que acaba gerando afinidades. O clima nos muros, na maioria das vezes, é de descontração, os corpos fluem entrosados. Concordo com a autora quanto à política da amizade, mas também não deixo de perceber que esses ambientes são, como Gomes (2009, p. 10) sugere, parte de um subcampo “no qual emergem lutas que disputam posições de distinção e hegemonia de poder”.

Os muros permitem ao escalador executar movimentos específicos, suprir dificuldades técnicas, e adquirir força. Segundo a literatura, foram concebidas como possibilidade de treino para os períodos mais frios do ano. Em um artigo intitulado *Escalada na educação Física escolar: orientação adequada para prática segura*, de José Auricchio (2009, p. 2), encontramos a seguinte síntese:

Foi nos anos setenta que um ucraniano teve a ideia de durante a fase mais fria do ano pendurar pedras em sua parede para que pudesse treinar. A ideia foi tão boa que logo todos os outros escaladores locais copiaram a ideia. (...) Em 1985, na Itália, foi realizado o primeiro campeonato mundial, que teve como obstáculo uma parede natural. Em 1987, pela primeira vez um campeonato foi realizado em uma parede artificial. A Copa do Mundo de escalada esportiva foi criada em 1990.

A escalada em ambientes artificiais apesar de ter surgido para viabilizar o treino e de ser encarada dessa forma por muitos escaladores até hoje, representa mais que isso: é a única reconhecida como modalidade competitiva pela UIAA. Atualmente, todos os campeonatos são realizados em estruturas artificiais, segundo a IFSC⁶, essa decisão foi tomada nos anos noventa, com a propósito de eliminar qualquer impacto ambiental.

Existem escaladores que se dedicam exclusivamente às competições, que normalmente abrangem o *bouldering*, a escalada esportiva guiada e o *speed climbing*. Não é o caso dos brasileiros que competem internacionalmente, como Janine Cardoso, Felipe Camargo, Thais Makino, Cezar Grosso, Pedro Raphael, Rafael Nashimura e muitos outros que se dedicam de forma paralela à escalada em rocha. A escalada *indoor* deve ser apreendida tanto em sua singularidade, como em suas múltiplas possibilidades de significação:

Os ambientes artificiais de escalada, sejam eles superestruturados (construídos por empresas especializadas, como no caso dos ginásios) ou mais simples (feitos

6 “During these years, was decided to run international events on artificial walls only, in order to eliminate any environmental impact.” (INTERNATIONAL..., 2011)

manualmente, em paredes, pelos próprios interessados) apesar de possuírem diferenças, têm em comum a oportunidade oferecida: uma atividade que, tendo uma estética e comportamento próprios, torna-os importantes espaços urbanos para o encontro de pessoas (com os mais variados fins), permitindo a fruição dos corpos (MARINHO, 2001, p. 44).

Nas cidades em que o acesso às rochas é limitado os muros desempenham um papel crucial. São ambientes movimentados, funcionais e sociais:

Eu acho que é onde a galera se encontra, onde a galera combina as coisas. Evolui... não só evolui, mas bate-papo, troca ideia... E fala sobre escalada, integra... Eu acho que acontece muito isso... socializa. O muro tem esse papel aqui em Brasília importante, por que as pessoas não estão todo dia na pedra. Você vai pro Rio, as pessoas estão todo dia na pedra, aqui não, tá todo dia no muro (Rodrigo Lopes, entrevista 01).

Hoje em dia, na capital brasiliense, fora os muros particulares, que ficam dentro das casas dos escaladores existem apenas dois centros de treinamento: a Ibiti e a Primata. Com mais de dez anos de existência esses ambientes são o palco de grande parte da história da escalada na capital. Ambos situados na parte norte da cidade, a Ibiti na 311 e Primata na 710. Entretanto, como Bera me conta nem sempre foi assim:

Naquela época tinham muito mais muros do que tem hoje, mas eram muros totalmente diferentes do que tem hoje. A escalada era outra. Tinha a UnB, tinha a Open Sports, que era do lado da minha casa, eu escalei muito lá. Open Sports era na 507 Sul, era um academia que não existe mais hoje. Tinha o muro da Almir Fitness Clube, que era uma academia que ficava lá no Asbac, e tinha o Setor Leste, só aí você tem quatro muros. (...) Mas eu escalei muito, muito mesmo, na Open e na UnB, foi bem o início assim... (Rodrigo Lopes, entrevista 01). (fotos em anexo, 11.1)

Existem muros desativados, como da UnB e o muro dos fuzileiros navais. Segundo Pedro Raphael: “O primeiro muro em Universidade Pública do Brasil, foi na UnB. Foi primeiro muro de escalada de todas as Universidades. O segundo muro foi em Campinas, na Unicamp.” O muro da Unicamp é o “foco” da pesquisa de Marinho (2001), com que venho dialogando ao longo dessa pesquisa: “o muro foi construído na parede externa do bloco da Biblioteca da FEF, por volta de 1991.” Já o da UnB, inaugurado em 1988, foi essencial para o desenvolvimento da escalada em Brasília. Segundo Bera o que aconteceu foi o seguinte:

O muro da UnB foi montado em 88, vieram uns escaladores lá do Paraná, para um curso de espeleologia, na verdade, não foi um curso de espeleologia, foi um curso pela faculdade de geologia. Nesse curso de geologia eles foram pra Fercal, a faculdade já estudava aquela área. Esses caras eram escaladores, conheceram a galera de Brasília e

fizeram um curso de escalada. A galera era da UnB e montou o muro da UnB, que foi o primeiro muro. Começou em 88, o muro foi concebido lá em 88, 89. Em 91, 2 a gente começou a escalar lá, eu e o Alessandro. A gente começou a escalar não tinha nada em Brasília (Rodrigo Lopes, entrevista 01).

Pedro Raphael, começou a escalar no início dos anos 2000 como aluno do Bera, e me confirma a relevância do contato com os escaladores de outros estados para o desenvolvimento da escalada brasiliense:

(...) veio uma galera de Curitiba, de outros estados, pra dar esse curso, que envolveu pessoas que já escalavam, e através desse curso introduziram a escalada da Fercal, no morro da Pedreira do Urubu. Deram esse curso, e assim iniciou a escalada em Brasília, principalmente a escalada em rocha, outdoor. O berço da escalada do Distrito Federal, que acaba sendo do Goiás, daqui Centro Oeste, é na Fercal e através disso. Se você for botar meio assim que na história... começa aí (Pedro Raphael, entrevista 01).

Toda história é construída por pessoas, e algumas delas, foram e ainda são protagonistas da história da escalada em Brasília. É muito comum ouvir os escaladores falando em gerações, apesar de não existir uma “linha divisória” entre elas, haja visto que muitos escalaram e ainda escalam juntos.

Alguns nomes fazem parte da primeira e da segunda geração de escaladores como: Bera (Rodrigo Lopes), Alessandro, Mara, Índio, Carica, Betão, Marcinho, Márcio Perdigão. A terceira geração foi em grande parte iniciada com as duas primeiras, como Pedro Raphael, que teve aulas com o Bera e Danielzinho que teve aulas com Márcio Perdigão. O muro do colégio Inei também foi importante para a formação de alguns:

Eu estudei nessa escola e vi esse muro ser feito, não sei se esse muro existe mais. Vi esse muro ser feito e a galera teve esse contato, no Inei, que se eu não me engano é de onde veio essa galera... o Duda, o Cerejo, a Alice, sabe quem é? Alição? Veio do Inei. E formou essa galera... que meio que fez surgir a galera de hoje, que construiu essa galera de hoje. Se eu não me engano o Márcio Perdigão é primo do Duda, primo ou tio do Duda (Pedro Raphael, entrevista 01).

A Ibiti foi idealizada por Leo, no final da década de 90. Em princípio, o estabelecimento se tratava de uma loja de artigos de aventura, e o muro de escalada era apenas uma pequena estrutura nos fundos, de certa forma irrelevante. No entanto, o muro cresceu. Bera me conta que:

Vim pra Ibiti em 99, a convite do Ney... o Ney me convidou, demorei um pouco, e vim... tinha dois “aluninhos”, o muro era minúsculo. (...) A loja era do outro lado... O muro foi

crescendo e a loja foi ficando igual. A gente foi ampliando, trouxe a loja pra esse lado, aí ampliou, ampliou mais uma vez, e a coisa foi dando certo e eu fiz a parceria com o Leo (Rodrigo Lopes, entrevista 01).

Ney trabalhava na Ibiti mas, em 2001, resolveu montar sua própria empresa, na época inaugurada como Azimute, e que posteriormente viria se tornar a Primata. A proposta inicial era voltada para o turismo, mas o que vingou foi a escalada, que assim como na Ibiti, não era o foco do empreendimento. Os dois muros passaram por várias reformas e por foram aumentando de tamanho aos poucos. Hoje têm praticamente o mesmo tamanho, o que equivale a uns 60 m² de área “escalável”.

Os muros são “pedaços” tanto em si mesmos como em conexão com a escalada em rocha. A história da escalada e de vários escaladores perpassa por esses ambientes. É comum ouvir alguém dizer “vou treinar”, “dar um penduro”, “dar uma esticada”, “uma resinada” ou simplesmente “vou ali encontrar a galera”. A Ibiti funciona como uma escolinha, com horários fixos, já a Primata oferece treinos livres, em que o escalador tem liberdade para fazer seu próprio horário. Os dois muros são relativamente pequenos se comparados aos de outros estados, inclusive aos de Goiânia. Em uma viagem a São Paulo tive a oportunidade de escalar durante dez dias na Casa de Pedra, o maior do Brasil, e faço minhas as palavras de Alcyane Marinho:

Nesses locais mais “domésticos”, pode-se perceber um envolvimento maior entre as pessoas. Os vínculos, as relações de amizade são mais fortalecidos e duradouros, justamente pela relação mais direta estabelecida com a prática e com os outros escaladores. Enquanto os locais mais sofisticados de escalada denotam mais “passagem” e “experimentação”, estes denotam mais “encontro” e “participação” (MARINHO, 2001, p. 42).

Em Brasília os muros são justamente esse local de encontro e participação, em que há ludicidade e entrosamento. Como já colocado anteriormente, existem as pessoas que, por diversos motivos, escalam apenas nos muros, e que nunca foram à pedra, ou foram pouquíssimas vezes. Mas, aqui, o número de pessoas escalando em rocha é cada vez maior e os *bondes* cada vez mais numerosos. É comum ouvir os escaladores antigos comentando que “nunca teve tanta gente escalando em Brasília” ou então “a escalada tá pop”. Mas, como relata Bera, nem sempre foi assim:

Cocal das antigas era outro esquema. Brasília, teve época que tinha um grupo indo pra pedra, um bonde! A gente ia pra Cocal era só a gente, ia final de semana atrás de final de

semana e só tinha a gente, cara... só tinha a gente. Não tinha ninguém escalando. Ia pra Fercal só a gente, aí depois dois bondes, dois grupos... Então essa época foi legal, ver todo o desenvolvimento... (Rodrigo Lopes, entrevista 01).

Próximo à Brasília, existem muitos lugares onde se pratica escalada em rocha. Mas Cocalzinho tem uma “característica” marcante: é o ponto de interseção entre os escaladores de Brasília e os escaladores de Goiânia. Em Cocal as histórias se encontram. Esse vínculo existe há muito tempo, mas os impasses e os conflitos envolvendo a escalada dentro do Parque têm ampliado o diálogo e a união entre todos. A cerca de 150 quilômetros de ambas as cidades, esse é o destino da muitos dos escaladores durante os finais de semana. Atualmente, Cocal é conhecido pela grande quantidade de *boulders*.

Fora Cocalzinho, Belchior também é um *pico* muito frequentado, mas por estar mais longe de Goiânia, cerca de 300 km, acaba sendo mais visado pelos escaladores de Brasília. Ultimamente, o Macaco, uma grande falésia que fica em Cocalzinho, próxima ao Parque, também tem sido muito frequentado pelos escaladores das duas cidades:

O Belchior é o nosso melhor lugar de via hoje... E o Macaco, né? Mas o Belchior é um lugar... um “campo escola”... é consolidado. Quando eu comecei a escalar, a galera escalava mais na Fercal. (Pedro Raphael, entrevista 01).

A Fercal, o primeiro local a ser desenvolvido, é considerado o primeiro “campo escola”. É o *pico* mais próximo de Brasília, cerca de 40 minutos, e abriga vias esportivas de várias dificuldades, muitas *em móvel*. Cristalina também tem um grande potencial para a prática de *boulder*, mas maioria das pedras está em propriedades particulares, o que dificulta o acesso.

A AEP, atual Associação de Escalada do Planalto Central, com a colaboração dos escaladores da região, está construindo uma tabela que traz os principais locais de escalada em rocha do Goiás e, qual a sua atual situação (em anexo 11.2). A localização de uma rocha, de uma falésia ou de um setor de *boulders*, é um item decisivo para a sua consolidação como um *pico de escalada*. As questões de acesso, são um importante capítulo nessa história. Os *picos* encontram-se, em sua maioria, ou dentro de unidades de conservação ou dentro de propriedades particulares e, cada um a sua maneira, demanda comunicação e interação, ora com proprietários, ora com funcionários do governo. Os *agentes*, nesse campo, portanto não se resumem aos escaladores, mas se estendem em múltiplas relações.

7.1 Cocalzinho

Cocalzinho é um município do estado de Goiás, localizado em uma região de afloramentos rochosos. Representa uma intersecção histórica da escalada no Planalto Central, fundamental para o desenvolvimento da atividade tanto em Goiânia como em Brasília. Conhecido pelos escaladores como Cocal, e afamada internacionalmente pela prática de *bouldering*, a região também abriga muitos locais para a prática de escalada esportiva, como morro do Macaco e a Cidade de Pedra. No entanto, é dentro do Parque Estadual dos Pirineus (PEP) onde está a maioria das pedras, principalmente blocos, ou seja, *boulders*.

A área do PEP abrange três municípios de Goiás: Pirenópolis, Corumbá e Cocalzinho de Goiás, mas o acesso por Cocalzinho, faz com que o local seja chamado pelos escaladores por esse nome. Quando alguém menciona que está indo para Cocal, provavelmente significa que está indo escalar blocos, caso a pessoa tenha a intenção de escalar vias, ela especificará o *pico*, até mesmo quando se tratar das vias que estão dentro do Parque, os Três Picos.

Muitos dizem que a “cultura da escalada em Brasília é Cocal”. Mas como me falou Gabriel Ávila “Cocal não nasceu com o propósito dos *boulders*, naquela época não existia nem *crash*.” O Morro do Cabeludo foi onde tudo começou, com prática da escalada esportiva. As influências, contatos e relações interestaduais inerentes a esse universo têm grande peso para a configuração de um cosmo maior, que é a escalada no Brasil. Viajar, descobrir, escalar pedras novas e, para os conquistadores, conquistar pedras novas, é o combustível que consolida e expande a escalada enquanto um campo de múltiplas redes:

(...) a nossa influência maior da escalada em via era a influência de Curitiba, que é um dos berços do montanhismo brasileiro, que foi essa galera do primeiro curso, e a galera do Rio de Janeiro, que eles eram escaladores de tradicional e um pouquinho de esportiva. Já o *boulder*, é uma coisa que não era tão difundida no Brasil, como é hoje, então a gente teve muita influência de São Paulo, nessa questão do *boulder*, de lá que vem os campeonatos, lá que tinha mais esse lance do *boulder* e do Rio de Janeiro. Então a galera escalava sem *crash pad*, os primeiros nem sabiam o que era, talvez nem soubesse graduar e diferenciar... (Pedro Raphael, entrevista 01).

O Cabeludo é o berço da escalada em Cocal. A maior formação rochosa visível dentro da área do Parque, é possível avistá-lo de longe: É um grande ícone, um símbolo, e mais que isso,

um patrimônio para todos os escaladores, até mesmo para os que nunca escalaram por lá. Reza a lenda que quem primeiro subiu essas pedras foi Márcio Perdigão, não se sabe ao certo em que ano pois, pois pelo que me contaram certos entrevistados, ele manteve o *pico* em sigilo durante algum tempo. O Web Adventure⁷, em uma reportagem de 2003 que permanece na rede, traz que as primeiras ascensões foram em 1993:

O Morro do Cabeludo é a principal formação para escaladas no local. *Orgasmatron* foi a primeira conquista na região, por André Ilha, André Costa (Lanjal) e Márcio Perdigão. Bem ao lado dessa via existe a Chaminé Cabeluda, conquistada em solo por André Ilha e Lanjal. Depois disso, vieram vias como a Tchasco Muzgo e outras. Atualmente no Parque há cerca de 30 vias grampeadas, todas falésias. Fora os mais de 70 *boulders* e projetos (PARQUE..., 2003).

Pedro Raphael conta que:

Ele (*Márcio Perdigão*) começou a escalar *boulder* lá, que seria a modalidade *boulder*, e a modalidade de via, no Cabeludo. Nessa época, o Parque dos Pireneus, ainda não era Parque. Tava naquele processo de desapropriação do Parque (...) (Pedro Raphael, entrevista 01).

A proibição da escalada no morro do Cabeludo é encarada como uma grande perda, não só do esforço e do dinheiro investidos, mas como uma perda histórica. Muitos que frequentam Cocal, de certa forma, “aguardam” o dia dessa liberação, as imponentes torres rochosas mexem com os sentimentos da maioria dos escaladores. O motivo do veto é um assunto corriqueiro. A versão *oficial*, de que o fundamento da proibição seria a presença de uma águia chilena, está sempre em pauta. Oficial ou não, verdadeira ou não, a “história da águia” é praticamente uma lenda, e a águia um ser mitológico: geram-se as mais variadas especulações sobre o assunto. Há os que não acreditam de modo algum na existência do animal, há os que dizem já tê-lo visto e os que não sabem se de fato ele existe ou não. Mas uma opinião é unânime entre os escaladores: a presença da águia não inviabiliza a escalada. O veto é contestado e ao mesmo tempo são propostas soluções, como a realização de um estudo que identifique os hábitos do animal. Zé Roberto considera que:

O “kaô” é a história da águia chilena que faz ninho lá, né? Mas também diz a lenda que não tem nada escrito em nada... até por que estão fazendo o plano de manejo agora. Então nunca teve nada diferente das leis normais, de parques normais. Dizem que nasceu

⁷ Site nacional sobre esportes de aventura.

essa briga através de um escalador que se estranhou com um alguém do parque. Uma coisa antiga... nem sei quem é direito.. coisa de 10 anos atrás. Alguém se estranhou e se estranhou feio... e o cara apelou e fechou o Cabeludo. E arranhou esse “kaô” aí... Essa é a história (Zé Roberto, entrevista 01).

São inúmeras as pressuposições sobre a proibição, mas nenhuma delas parece legítima aos olhos dos escaladores. Além das vias esportivas do Cabeludo também encontramos, dentro do parque, as vias dos Três Picos, que são muito frequentadas. No entanto, não são muitas e a grande propensão, dentro do Parque, é a escalada em *boulder*.

Há vinte anos, subir pequenos blocos de pedra não era considerado “escalada”. Hoje a prática é uma das mais populares e mais praticadas em todo o mundo, apesar de ser uma das últimas vertentes a ser reconhecida como modalidade, como revela o *site* da IFSC: “In the year 1998 the new discipline of Bouldering was officially introduced. As a test was organized the ‘Top Rock Challenge’, becoming World Cup in 1999” (INTERNATIONAL..., 2011).

No Brasil, o primeiro festival de *boulder* aconteceu em 2001, organizado por Eliseu Frechou, um dos maiores protagonistas da escalada nacional. Em uma reportagem de 2001, intitulada “Saiba por que escalara *boulder* está seduzindo os brasileiros” , encontramos informações sobre esse primeiro evento histórico:

Força e explosão. Duas expressões que definem perfeitamente o que é um *boulder*. Duas expressões que também seduzem escaladores do mundo inteiro, inclusive do Brasil. A prova deste entusiasmo se concretizará no próximo final de semana (25 e 26/8) em São Bento do Sapucaí, (SP), onde os apaixonados por essa modalidade estarão reunidos para o I Blox, evento organizado pelo escalador Eliseu Frechou. O Objetivo do Blox é inaugurar um novo point de blocos de rocha descoberto há alguns meses e que, segundo o próprio Frechou, tem um potencial considerável de lances.

No *site* 8a.nu encontramos que Cocalzinho é o terceiro local em todo o mundo com o maior número de ascensões em *boulders*. Esse fato tem repercussão nacional e internacional e eleva Cocal ao melhor pico de *boulder* do Brasil, e um dos melhores do mundo. No entanto, como veremos a seguir, esse é um potencial desconhecido e inexplorado pelos órgãos públicos, que apenas agora começam a visualizar a importância do diálogo com a comunidade montanhista e/ou escaladora.

“Cocal é mágico”, “Cocal é incrível” são frases que ecoam pelo planalto central. Existe um sentimento de “bairrismo”, aliado ao desenvolvimento e a história do local. Conhecido pelas pedras “machuquentas” e pela “graduação sincera”, Cocal tem fama de “deixar a galera forte”. Representa a cultura da escalada tanto dos brasilienses como dos goianos:

Cada lugar que você vai tem uma galera diferente. Aqui não tem escalador da montanha, não forma esse tipo escalador, forma escalador de *boulder*, a galera que vai escalar outra coisa é porque tem curiosidade por outra coisa, porque o movimento local é em prol da escalada em *boulder*. Só você contar nas mãos quantos escaladores você conhece que escalam, você vai lá na academia tem muito mais escalador de resina do que tem na pedra, pra começar, e a grande maioria vai pra Cocal, não vai pras vias, concorda? Pela facilidade de acesso, só crash... (Zé Roberto, entrevista 01).

Zé Roberto, e muitos outros descrevem o perfil desses escaladores como "uma galera mais playboy". No entanto, “pode-se dizer que a escalada não é exclusiva de determinada classe socioeconômica, embora tenha acessos desiguais relacionados às condições de vida de seus participantes” (MARINHO, 2004, p. 42).

Como desenvolvido ao longo do trabalho, a escalada transforma seus praticantes fisicamente e psicologicamente. Existe um jargão entre os escaladores que diz “Cocal é gueto”. Creio que essa expressão está associada a essa inversão de valores, ao fato de ser um ambiente que não condiz com “frescuras”. Come-se o que se tem para comer e a sujeira e barro são inerentes. Existe um cenário que preza por valores opostos aos do “playboy”: compartilha-se a todo tempo. Alexandre Linha Paranhos faz uma postagem em seu blog, em que constrói de forma irônica o perfil do escalador de Brasília. A seguir trago alguns trechos:

O pai sonha com o filho advogado, médico, ou pelo menos jogador de futebol. Dá até pra engolir esse papo de modelinho por um tempo, afinal o que importa é a felicidade dele. Mas de repente alguma coisa muda, ele começa a viajar todo final de semana, muitas vezes no meio da semana. Sim, ele parece mais saudável, mas os amigos são tão estranhos... Os banhos se tornam raros, as roupas sujas e esfarrapadas (...).

O texto de Linha continua repleto de colocações bem humoradas e sarcásticas, mas o que me interessa frisar é que, considerando ou não o poder aquisitivo dos escaladores, existe uma mudança de hábitos, comportamentos e posturas muito nítida. Em uma das gravações, Bera e Adivaldo Martins, conhecido como Gigante, conversam sobre os efeitos da atividade:

— É diferente de jogar um futebolzinho com a galera. Tu sai dali, vai ali no arena, joga uma peladinha de uma hora e meia, toma uma cerveja, tá na cidade. Pra ir pra pedra não, é outro esquema, é o dia inteiro, talvez voltar cheio de carrapato. Não tem conforto nenhum... (Adivaldo).

— O cara que vai desapegando... (Bera).

— É, o cara vai desapegando. Mas pra isso ele tem que gostar, pra fazer isso ele tem que gostar muito. E aí a tendência de continuar é maior, né? (Adivaldo).

— É, eu acho que você perde um pouco da vaidade...(Bera) (Rodrigo Lopes e Adivaldo Martins, entrevista 01).

No Brasil, são poucos os *picos* de escalada que estão dentro das cidades, como acontece no Rio de Janeiro. Normalmente, o escalador precisa sair dos centros urbanos, “ir pro mato”. Existe um movimento de interiorização da prática e de “desurbanização” do indivíduo:

A escalada é um esporte muito seletivo, né? Qualquer um pode chegar ali e praticar. Mas não é qualquer um que volta ali, que dá o gás, que rasga o dedo, é uma galera muito *vibe* assim... (Gabriel Azevedo, entrevista 01)

Um dia de escalada em Cocal, por mais que seja apenas um único dia, é um grande ritual. O início do texto “Dia de culto” (OLIVEIRA, 2012), traz uma boa descrição sobre uma ida a Cocal:

Acordo e, ainda um pouco zonzo de um sonho confuso, me lembro: hoje é dia de culto. Ainda bem, queria que todos fossem assim. Tomo um café da manhã rápido, preparo também rapidamente um lanche para o dia, esqueço várias coisas (*headlamp*, esparadrapo, às vezes até a própria sapatilha!); já estou ansioso por mais um dia de escalada. Afogamos três crashes num porta-malas apertado que mal cabe um e meio. O inexplicável já aparece. No caminho ouvimos um CD que muitas vezes se repete: não percebemos porque não paramos de falar de escalada, uma hora e meia sem parar percorremos *boulders*, vias, *crux*, campeonatos internacionais, vídeos da internet, polêmicas internas do esporte, e, às vezes, até um sonho um tanto utópico (será?) de largar tudo e passar o resto das horas respirando só isso - pedras. É na subida para o morro, depois de passar pela cidade onde alguns almoçam, outros compram um lanche, e outros simplesmente a atravessam ininterruptamente (têm pressa para morder uma pedra), que aparece o primeiro aviso de que estamos deixando o mundo profano, cotidiano, para trás; estamos adentrando o reino do sagrado...

Esse “relato” é apenas um início do que ele chamou como dia de culto. Esse culto, dotado de ritmo e cosmologia própria, faz ou já fez parte da vida de muitas pessoas, é a cultura da escalada em rocha brasiliense. Como Pedro Raphael observa:

Essa mágica dos livros antigos da escalada, a forma mais democrática é o *boulder*, Cocal é boulder. É mais barato, é mais fácil, é mais seguro, é mais rápido, é menos tempo que você precisa, você não precisa ser fisicamente tão forte, tão preparado, tão completo e complexo pra suportar isso. Boulder é uma coisa mais simples.... Mas ainda assim a pessoa consegue ter todos os insights de um cara que subiu o Everest, é óbvio que consegue, os princípios e os valores do montanhismo estão inseridos no *boulder*. Cocalzinho... a escalada lá é *boulder*, então esse é o valor mais bonito de Cocalzinho. Tem gente que vai lá uma vez e vê tudo, tem gente que passa cinco anos pra ver. Mas todo mundo consegue ver isso, sentir. (Pedro Raphael, entrevista 02)

A escalada é um instrumento de conexão do ser humano com a sua essência. Proporciona o contato consigo mesmo, com os outros e com o meio:

Reflexões sobre a vida e a si mesmo, desenvolvem nos sujeitos que usufruem das práticas corporais na natureza um sentido mais íntimo, envolvendo uma reaproximação do homem com a natureza, despertando o homem como ser inserido no cosmo. Estes sentidos ressignificados podem desenvolver uma lógica sensibilizadora, contribuindo para a minimização dos impactos ecológicos. Esta relação do homem com a natureza constrói a valorização deste espaço, e novos significados do eu intrínseco neste meio (...) (SILVA e FREITAS, 2010, p.225)

Essa relação com a natureza, e no caso da escalada, a peculiaridade da relação entre humanos e pedras, deve ser explorada e reconhecida, não só por estudiosos, mas principalmente pelos órgãos gestores das áreas onde se encontram essas pedras, como veremos no próximo capítulo.

8 A ESCALADA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

As principais referências para a construção desse capítulo são a dissertação de mestrado de Andrea Zimmermann (2006), o livro *O mito da natureza intocada*, de Antonio Carlos Diegues (2001), as experiências protagonizadas pelos escaladores dentro do Parque Estadual dos Pirineus (PEP), o conteúdo das entrevistas e a minha própria experiência como membro no conselho gestor da Associação de Escaladores do Planalto Central (AEP).

Dentro do Parque Estadual dos Pirineus estão a maioria das pedras em que a escalada é praticada. Alguns impasses e atitudes envolvendo a gestão do parque e os escaladores, como a proibição da escalada no morro do Cabeludo, fazem os próprios praticantes questionarem o modelo de gestão e implementação de Unidades de Conservação:

No Brasil tem muito aquela cultura de que, virou parque, virou monumento, ninguém vai, ninguém pisa e ninguém toca. Em outros lugares no mundo não é assim (Pedro Raphael, entrevista 01).

Esse argumento soma-se à concepção de uma gestão ambiental brasileira “atrasada” em relação ao resto do mundo:

Então se você falar no Brasil, os estados onde têm a história do montanhismo as coisas são diferentes e mais fáceis. Se for falar do Distrito Federal, do Goiás, Mato Grosso, lugares que não tem montanha, tem rocha, falésia, mas não tem montanha, é muito diferente. O Rio de Janeiro se assemelha a alguns países, você pode pegar o Rio de Janeiro e assemelhar a cultura do montanhismo com alguns países lá da Europa. Porque tá ali, você anda na cidade muita gente escala, tem lei, tem tudo, já aqui não. Então tem alguns lugares do Brasil, onde a escalada tem reconhecimento, tem visibilidade mais que em outros. Mas comparado com que a gente pode chegar, que existe fora do Brasil, tá muito longe ainda (Pedro Raphael, entrevista 01).

O atual conflito vivenciado entre os escaladores e o corpo gestor do PEP se dá em torno do horário de funcionamento do parque, que inviabiliza o *night climb*, ou seja, a escalada noturna. A prática do *bouldering* durante o dia se torna algo penoso devido ao clima seco e à exposição ao sol. São poucos os blocos que em algum momento do dia estão na sombra. A defesa e as argumentações em prol do *night climb*, da reabertura do morro do Cabeludo e da regulamentação de um modo geral da escalada dentro do parque baseiam-se em exemplos de outros estados brasileiros e de outros países, em que a viabilidade e a regulamentação da prática são

confirmadas por meio de estudos, como aponta Zimmermann (2006, p.47) no subcapítulo “3.1 Manejo da visitação em parque nacionais.”

Uma charge, feita pelos próprios escaladores, mostra Obama pedindo à Dilma: “Dilma, *free the Cabeludo*”. Ironicamente, segundo Diegues (2001) a criação do parque de Yellowstone, constituiu um modelo muito utilizado pelos países do Terceiro Mundo para implementação de áreas naturais protegidas:

Parte da ideologia preservacionista subjacente ao estabelecimento dessas áreas protegidas está baseada na visão do homem como necessariamente destruidor da natureza. Os preservacionistas americanos, partindo do contexto de rápida expansão urbano-industrial dos Estados Unidos, propunham “ilhas” de conservação ambiental, de grande beleza cênica, onde o homem da cidade pudesse apreciar e reverenciar a natureza selvagem. (DIEGUES, 2001, p.11)

A partir desse plano de fundo consolidou-se uma mentalidade, como o título do livro de Diegues sugere, pautada em um mito moderno da natureza intocada:

“as UCs não parecem pertencer à nação ou aos brasileiros. Pertencem ao governo, aos órgãos que as administram ou quem quer que seja, que lhes impõem restrições e as fecham com a intenção de melhor protegê-las. Pois o passado indica o contrário. Fechar as portas representa desligar as pessoas dessas áreas e com isso manter as agressões. Este modelo de gestão impede que a espécie humana se conecte afetivamente com as áreas naturais e assim valorizá-las.” (PÁDUA, 2005 apud ZIMMERMANN, 2006, p. 32).

No Brasil, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) é criado pela lei 9.985⁸ de 11 de julho de 2000 que “Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o SNUC e dá outras providências”:

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc) é o conjunto de unidades de conservação (UC) federais, estaduais e municipais. É composto por 12 categorias de UC, cujos objetivos específicos se diferenciam quanto à forma de proteção e usos permitidos: aquelas que precisam de maiores cuidados, pela sua fragilidade e particularidades, e aquelas que podem ser utilizadas de forma sustentável e conservadas ao mesmo tempo (BRASIL..., 2013)

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

⁸ Acessado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm, 20/08/2013

(...)

§ 4º As unidades dessa categoria, quando criadas pelo Estado ou Município, serão denominadas, respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal. (SNUC, 2000)

O PEP é uma unidade de conservação criada pelo estado de Goiás e, atualmente, administrado pela SEMARH do próprio estado. A visitação nesses parques, sejam eles nacionais, estaduais ou municipais, com fins de recreação e de educação ambiental, que é um dos seus objetivos parece ser negligenciado, ignorado e mal explorado. No Brasil essa situação pode ser interpretada segundo as palavras de Zimmermman (2006):

(...) a pouca infra-estrutura, os recursos financeiros e humanos escassos, a não-qualificação dos funcionários para a gestão do uso público e, sobretudo, a cultura institucional, focada na atitude de fiscalizar e de cercear a ação humana, ao invés de educar e de incentivar o cuidado com a natureza, ajudam a explicar a visitação restrita a estas unidades de conservação.” (p. 176)

A Associação de Escalada do Planalto Central (AEP) tem participado de reuniões na SEMARH de Goiás. O objetivo da AEP é que a escalada seja contemplada dentro do plano de manejo. O plano de manejo do PEP não está pronto, logo não existem informações concretas sobre “a categoria e os objetivos específicos quanto à forma de proteção e usos permitidos”.

Outro aspecto que dificulta o desenvolvimento da visitação em parques nacionais no Brasil é o fato de que, de acordo com dados do IBAMA (2005), somente 48% dos parques nacionais têm instrumentos de planejamento e de gestão da visitação, como plano de manejo e plano de uso público. Isto se mostra crucial, uma vez que as UC só podem ser manejadas e desenvolver ações de incentivo ao uso público a partir do que estiver estabelecido nos seus planos de manejo (ZIMMERMANN, 2006, p. 143).

O quadro que se caracterizava por uma indisposição ao diálogo parece tomar novos rumos. Entre os presentes durante a última reunião no mesmo órgão, em junho deste ano, observou-se uma mudança de percepção brusca sobre a escalada. Os gestores finalmente parecem ter reconhecido a importância do diálogo. A inauguração de uma trilha autoguiada no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros também ilustra esse momento:

Após um longo período, parece que finalmente os gestores de nossos Parques reencontram o nexo de interdependência entre conservação da natureza e uso público nos Parques. Nossas unidades de conservação somente poderão ser valorizadas pela população se estiverem abertas e acessíveis aos diversos públicos que as visitam. Está aberto o caminho para que estas áreas tornem-se símbolos nacionais, a materialização da

Natureza, famosa em verso e prosa mas, até há pouco, quase inacessível ao cidadão brasileiro pelas barreiras que ainda são grandes, mas vem se diluindo. Estas barreiras serão menores a medida em que os Parques forem se abrindo à visita da população e diversificando as oportunidades de convívio e integração. As trilhas de longo percurso que propiciam travessias como a da Chapada dos Veadeiros caracterizam passo muito importante neste novo cenário. (Milton Dines, diretor de Meio Ambiente da Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo (Femesp), 7/6/2013 – e-mail divulgado entre lista de contatos da CBME).

Assim como a AEP, A CBME, a Federação de montanhismo do estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) muitas outras federações, associações e clubes atuam fomentando o reconhecimento e a regulamentação da prática. O objetivo é legitimação da escalada e do montanhismo enquanto um esporte e mais que isso, o direito de acesso às áreas de escalada. O “fechamento e a proibição do acesso e o excesso de regulamentação de uso nas áreas de escalada e montanhismo” refletem

o desconhecimento dos procedimentos de segurança esportiva, ética e das práticas de mínimo impacto que permeiam toda a atividade, da realidade do montanhismo, seus princípios e valores (CONFEDERAÇÃO..., 2013).

Fora o Rio de Janeiro, o maior centro urbano de escalada do mundo, a maioria dos *picos* fica razoavelmente afastado dos grandes centros. A fala de Pedro Raphael tem grande valor para pensarmos o panorama sob o qual se desenrola as questões de acesso:

O Brasil é um país muito grande, tem um potencial enorme pra desenvolver o esporte. (...) a escalada tá fixa em grande centros urbanos, mas a galera escala no interior. Então essa comunicação de valores, interesses, informações faz com que ela seja levada pro interior. Hoje, eu falando da escalada hoje, a grande coisa que eu posso frisar como evolução, como a diferenciação, a demonstração do que pode ser, é essa interiorização. É a galera no interior do Brasil começar a sacar o que é escalada, começar a escalar, começar a ter gente da escalada no interior, nas cidades turísticas... Então a capital levou a interiorização da escalada, isso é uma coisa bonita, isso é histórico (...). O Brasil é muito grande (...) então quando essa interiorização tiver cada vez mais difundida, acho que alguém pode dar um *feedback* do que é a escalada. Hoje é fácil você falar o que é a escalada no Rio, nos grandes lugares, mas existe muita particularidade entre cada lugar que vai, daqui um tempo, ter uma unidade de pensamento, de conduta, de leis e tudo mais, no interior do Brasil, que é onde acontece a escalada. O que eu acho da escalada, no Brasil, é um pouco isso, é uma coisa jovem, com um potencial enorme, com vários tipos de formações rochosas, e que a interiorização do conhecimento do esporte que está começando a dizer, o que que é. Cada um fala uma coisa, cada lugar é diferente. Novos muros, novas galeras, a galera começando a ter uma comunicação... (Pedro Raphael, entrevista 01).

As informações do prospecto *Montanhismo brasileiro: princípios e valores* da CBME foram cruciais para arquitetar esse capítulo.

Os princípios aqui descritos devem guiar futuras políticas relativas ao uso recreativo de áreas de montanha, seja em Unidades de Conservação (UCs), propriedades privadas ou áreas devolutas (áreas públicas).

Nosso objetivo é que a conservação e a recreação se beneficiem mutuamente. Acreditamos que o livre acesso às áreas de montanhismo é um componente essencial para uma gestão integrada de conservação e recreação em áreas de montanha.

A escalada dentro de unidades de conservação engendra diferentes relações entre a comunidade escaladora e o setor público, mas que muitas vezes são injustas, mal embasadas e retrógradas:

Por amor às montanhas que frequentam, montanhistas se engajaram diretamente na luta pela criação de muitas unidades de conservação importante em maciços rochosos como, por exemplo, os recém-criados Monumentos Naturais Municipais do Pão de Açúcar e da Pedra do Baú e a APA Morro da Pedreira, em Minas Gerais e outras mais, também instituídas por sua inspiração, como é o caso do Parque Estadual dos Três Picos, no Rio de Janeiro.

No entanto, a atitude de pessoas ligadas a gestão dessas áreas, que equivocadamente enxergam os visitantes como adversários da conservação, acaba criando situações que ameaçavam a prática do montanhismo, escalada e outras atividades similares em UCs, tais como a obrigatoriedade do acompanhamento de um monitor, condutor ou guia e o fechamento e a proibição do acesso e da prática do montanhismo e da escalada em UCs ou parte delas (Carta da CBME ao MMA e ao ICMBio, disponível para download no site da CBME).

Como Dias (2009) observa o ambientalismo é um importante traço na “construção das representações do montanhismo”. Atualmente, as regras de mínimo impacto ambiental regem os princípios básicos da escalada em todo o mundo:

Os montanhistas, também como norma geral, possuem elevada consciência ecológica e, cientes do impacto que a presença humana pode causar nos ambientes naturais, desenvolveram, em parceria com o Ministério do Meio Ambiente (MMA) um conjunto de recomendações para a prática do montanhismo de mínimo impacto. Em um bem-sucedido esforço de auto-regulamentação de sua atividade, Seminários de Mínimo Impacto em áreas específicas vêm sendo realizados, provando ser possível conciliar o lazer com a preservação do meio ambiente. Em 2012, por conta da celebração do centenário do montanhismo no Brasil, a CBME promoveu a Semana Brasileira de Montanhismo, no Rio de Janeiro, onde dentro os nove eventos foi realizado o 2º Encontro de Parques de Montanha no Brasil, com um dia dedicado ao Encontro

Fazem parte da atual mentalidade esportiva minimizar todos os possíveis danos que a atividade possa vir a causar, que vão desde desnecessárias perfurações na rocha e abertura de trilhas, como atitudes relacionadas aos cuidados com restos orgânicos e excrementos. A capacidade do escalador e do montanhista em agir como um agente ambiental deve ser reconhecida e melhor aproveitada pelos órgãos gestores dessas áreas:

Compromisso com o Meio Ambiente

A CBME acredita que é essencial que existam áreas naturais de montanha preservadas e utilizar parâmetros adequados para promover um manejo em que a pluralidade de motivações dos visitantes seja respeitada em consonância com o manejo para a conservação, garantindo, assim, a preservação do vínculo emocional com as áreas naturais. O montanhismo deve ser promovido como um instrumento de desenvolvimento sustentável em áreas de montanha.

“A preservação do vínculo emocional” é um ponto que muitas vezes tem sido negligenciado pelos órgãos públicos enquanto deveria ser reconhecido e promovido. Os objetivos de gestores e escaladores coincidem e devem estar conectados:

A gestão da visitação com a participação de entidades representantes de visitantes esportistas tem sido muito proveitosa, como pôde ser observado no caso do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, que conta com a colaboração da Federação de Esportes de Montanha do Rio de Janeiro - FEMERJ. A FEMERJ participa ativamente do Conselho Gestor, desenvolve trabalhos voluntários para manejo de impactos e oferece o trabalho profissional de membros da entidade para mapeamento de atrativos e trilhas, para diagnóstico e planejamento da escalada e do montanhismo, dentre outras iniciativas.

O principal argumento em defesa da escalada, o mais lógico e justo, é que “antes de diversos lugares serem parques, as pessoas já praticavam montanhismo neles”. Na pesquisa de Zimmermann (2006, p. 134) os resultados de uma entrevista com o montanhista Silvério Nery, presidente da CBME, ilustram essa situação:

O entrevistado enfatizou que é fundamental a existência dos parques nacionais e a possibilidade de praticar o montanhismo neles. Comenta que, nas montanhas, serras, trilhas e rochas dos parques, o montanhismo brasileiro nasceu, foi cultivado e evoluiu tecnicamente. Muito antes de diversos lugares serem parques, as pessoas já praticavam montanhismo neles. Ele afirma que as mais significativas montanhas para a prática do montanhismo no Brasil estão em parques, como, por exemplo, no Parque Nacional de

Itatiaia, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, no Parque Nacional da Chapada Diamantina e outros.

A fala de Pedro Raphael elucida essa desapropriação exercida pelo Estado sobre os hábitos e a cultura dos escaladores dentro do PEP:

(...) quando a gente começou a ir lá a gente frequentava casas, por exemplo, a casa que hoje é a sede do Parque, era uma casa que eu frequentava e que muita gente frequentava, que era um lugar abandonado, que todo mundo dormia lá durante dez anos, oito anos. Era uma casinha da gente. E existiam outras (Pedro Raphael, entrevista 01).

Interpreto esse ato dos gestores ambientais como um assassinato cultural, que apesar de mostrar indícios de novos caminhos e diálogo entre as partes ainda representa uma ameaça ao desenvolvimento do esporte e uma necessidade constante de ação por parte das associações, federações e da CBME.

A institucionalização, a normatização e a regulamentação são processos que a escalada enfrenta em um mundo cada vez mais territorializado. No entanto, as unidades de conservação não devem ser percebidas em uma relação de descontinuidade com a espécie humana:

Para o Distrito Federal e para o Goiás é um valor histórico, é um valor de construção de personalidade. Eu já escutei pessoas que escalavam e não escalam mais falarem assim “a minha personalidade hoje, foi construída através da escalada, tudo que eu sou hoje foi a escalada que me deu, mas eu não escalo mais, só que eu não perdi e nunca vou perder o valor que eu tive com a escalada.” E Cocal é a maneira mais fácil de difundir esses valores que a escalada traz, essa espiritualidade, o auto conhecimento, a comunidade, a discussão, a discórdia, o ego... é um crescimento muito vasto que você tem no montanhismo. E isso é indiscutível, porque o *boulder* é a forma mais democrática do esporte, e Cocal é o melhor do Brasil, o melhor da América do Sul, e um dos melhores do mundo. Então se você fala pra mim o que significa Cocalzinho, pra mim, você já sabe, mas pro ser humano, pra comunidade em si, é isso. É uma ferramenta de valor inestimável, você vai poder formar pessoas que não teria como ela ter aquele pensamento, aquela visão, aquela experiência se não fosse ali, com a escalada. Então a forma mais democrática da escalada é o *boulder*, e Cocalzinho é o terceiro melhor pico de *boulder* do mundo, difundido. Então o valor que aquilo ali tem, pra formação da pessoa, porque é o grande lance da existência humana é isso, né? A cabeça, até onde o cérebro de cada um consegue chegar, seja na religião, a capacidade técnica, amorosa. Cocalzinho é uma ferramenta de evolução do ser humano muito grande (...) (Pedro Raphael, entrevista 01).

Grande parte dos valores, concepções e experiências transmitidas nessa dissertação emanam justamente desse espaço, que para os escaladores, é um universo dotado de história,

valores, signos e símbolos próprios, antes mesmo de ser uma Unidade de Conservação. Esse trabalho é um grito para que a escalada seja reconhecida não apenas como um esporte, mas como um bem cultural a ser salvaguardado.

9 CONCLUSÃO

As diferentes modalidades, locais, praticantes e rochas se combinam em infinitas possibilidades em diferentes graus de proximidade e contato. Mas o que busquei ao longo da pesquisa foi captar múltiplas faces de uma relação que envolve escaladores e pedras:

A noção de campo é, em certo sentido, um estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar, que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações que o retira o essencial das suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista ou, para dizer com Cassirer, *substancialista*: é preciso pensar *relacionalmente*. Com efeito, poder-se-ia dizer que, deformando a expressão de Hegel: *o real é relacional*. (BOURDIEU, 1989, p.27)

As pedras aqui existem singularmente. São apreendidas em seus mínimos detalhes, fissuras, ranhuras, fendas, texturas e recebem nomes. Esses nomes eternizam histórias, histórias entre pedras e seres humanos:

(...) nosso culto continua, aquela pedra talhada da subida do Morro dos Pireneus contém toda a nossa força: na pedra há vida, muito mais do que fora dela. Viva a pedra, PEDRA VIVA! (OLIVEIRA, Dia de Culto)

Espero que meus colegas, escaladores e antropólogos, possam compartilhar e entender a importância da escalada enquanto uma manifestação cultural histórica e como uma manifestação contemporânea extremamente valiosa. Essa pesquisa teve o intuito de refletir sobre as realidades, situações e contextos que se entrelaçam nesse universo. Nunca conseguirei trazer inteiramente e com exatidão sequer a minha própria concepção desse cosmo, sempre em movimento e em construção assim como o *campo*. Portanto, tudo que eu apresentei são frações de um grande caleidoscópio que eu mesma girei. Todas as concepções expostas passam pelo prisma do meu “comprometimento ideológico”, conceitual, e consequentemente valorativo, que foi e é construído em grupo.

10 REFERÊNCIAS

ALVES, Pedro Bevilaqua; BOSCHILIA, Bruno; NUNES, João Sonoda. Análise histórico-sociológica das transformações no montanhismo. **Análise**, v. 30, n. 31, p. 10, 2008. Disponível em:

<http://files.lucianoaventura.webnode.com.br/200000101-1e4231f3c4/AN%C3%81LISE%20HIST%C3%93RICO-SOCIOL%C3%93GICA%20DAS%20TRANSFORMA%C3%87%C3%95ES%20NO%20Montanhismo.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE MONTANHISMO. Disponível em: <<http://www.agmontanhismo.org>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

AUGUSTO, Vitor. **História do conjunto Marumbi**. 13 maio 2009. Disponível em: <<http://victortrotamundo.wordpress.com/tag/climbing/page/9>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

AURICCHIO, José Ricardo. Escalada na educação física escolar: orientação adequada para prática segura. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 14, n. 139, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd139/escalada-na-educacao-fisica-escolar.htm>>.

BECK, Sergio. **Com unhas e dentes**. 2. ed. [S.l.]: Ed. Autor, 2002.

BEZERRA, Fausto Junqueira de Castro. **Atividades de aventura na natureza**: revisão de artigos em periódicos científicos da educação física. 2011. 47 f. Trabalho de conclusão de curso (Educação Física) – UEL, Paraná: 2011. Disponível em: <<http://cemidefelvirtual.com.br/tccs/bacharelado/2011/2011-tccedfbach020.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 1989. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1998.

_____. **Questões de Sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Sistema Nacional de Unidades Conservação (Snuc)**. 2013. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

BRITO, Altair Gomes. As montanhas e suas representações: buscando significados à luz da relação homem-natureza. **Rev. Biologia e Ciências da Terra**, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2008. Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/montanhas.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

CARDOSO, Janine. Na garra. reportagem sobre Raphael Nishimura. 22 out. 2012. Disponível em: <<http://gooutside.uol.com.br/1869>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

CÉSAR, Eurico P. **Tipos de proteções utilizadas em escalada em rocha**. Disponível em: <http://www.vertclimb.com.br/ESW/Files/Tipos_de_Protees_em_Escalada_em_Rocha.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MONTANHISMO E ESCALADA. **Montanhismo brasileiro**: princípios e valores. Disponível em: <http://www.cbme.org.br/downloads/doc_download/37-principios-e-valores-do-montanhismo-brasileiro>. Acesso em: 18 jul. 2013.

COSTA, Christian. **A influência dos fatores psicológicos na escalada esportiva**. Trabalho de conclusão de curso (Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

COSTA, Cris de S. C. **Formação profissional no esporte escalada**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UGF, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://files.posaventura.com/200000302-38236391d2/FORMA%C3%87%C3%83O%20PROFISSIONAL%20NO%20ESPORTE%20ESCALADA.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes. **Esporte de aventura e risco na montanha**: uma trajetória de jogo como limites e incertezas. 1999. 214 f. Tese (Doutorado) – Educação Física, UGF, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=1265&listaDetalhes%5B%5D=1265&processar=Processar>. Acessado em: 18 jul. 2013.

DAFLON, Flavio; DAFLON, Cintia. Breve história do montanhismo. In: _____. **Escale melhor e com mais segurança. Semana Brasileira de Montanhismo**. Disponível em: <<http://www.semanademontanhismo.com.br/100anos/breve-historia-do-montanhismo>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. **Escale melhor e com mais segurança**. Rio de Janeiro: Ed. Autor, 2007.

DIAS, C. A. G. Esporte e ecologia: o montanhismo e a contemporaneidade. **Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-27, jun. 2009. Disponível em: <http://www.sport.ifcs.ufrj.br/record/pdf/recordV2N1_2009_17.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____; MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 7, n. 3, p. 358-367, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v7n3/v7n3a10.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

DIEGUES, ANTONIO C S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo. Editora Haucitec, 2001. Disponível em: <<http://raizese frutos.files.wordpress.com/2009/09/diegues-o-mito-moderno-da-natureza-intocada.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2013.

ESCALADA esportiva. Disponível em: <<http://www.reocities.com/EnchantedForest/7408/Esportes.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

FARIA, Antonio Paulo. **Antonio Paulo Faria contesta os 100 anos de montanhismo no Brasil**. 14 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.webventure.com.br/montanhismo/n/antonio-paulo-faria-contesta-os-100-anos-de-montanhismo-no-brasil/30929>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Sistema Brasileiro de Graduação de Escalada**. dez. 2003. Disponível em: <http://www.femerj.org/montanhismo-e-escalada/graduacao-de-escalada>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

GOMES, Kássio Vinicius Castro. **A escalada em Belo Horizonte-MG: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do *habitus***. 2009. 121 f.

Dissertação (Mestrado em Lazer) – Programa Multidisciplinar de Pós-graduação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://lazerufmg.files.wordpress.com/2010/09/kassio_vinicius.pdf>. Acessado em: 18 jul. 2013.

GREGO, Maurício. **Modalidades de escalada**. 1998. Disponível em: <http://www.marski.org/artigos/downloads/doc_details/27-atividade-fisica-moderada-em-medias-e-grandes-altitudes?tmpl=componente>. Acessado em: 18 jul. 2013.

HAUCK, Pedro. **Escala esportiva tradicional**. 13 jan. 2012. Disponível em: <<http://gooutside.uol.com.br/1237>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

_____. **Porque subimos montanhas?**: a história do montanhismo: 25 jun. 2009. Disponível em: <<http://altamontanha.com/Artigo/1510/historia-do-montanhismo>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

_____. **Um pouco de história**: sobre montanhas é claro. Disponível em: <http://montanhasdorio.com.br/principal_lagartixas.cfm?contador=34>. Acesso em: 18 jul. 2013.

ILHA, André. **Manifesto da escalada natural**. Rio de Janeiro: [S.n.], 1983a. Mimeo.

_____. **Pontos de apoio**. Rio de Janeiro: [S.n.], 1983b. Mimeo.

INGOLD, Tim. **Cultura e percepção do meio ambiente**. 2000. Trad. Maria Vitória Dutra. [S.l.: S.n.], 2011?.

_____. Humanidade e animalidade. In: _____ (ed.). **Companion encyclopedia of anthropology**. Londres: Routledge, 1994. p. 14-32. Disponível em: <http://www.cdsa.ufcg.edu.br/portal/outras_paginas/arquivos/aulas/marcio_caniello/introd_a_antropologia/INGOLD_Humanidade_e_Animalidade.pdf>. Acessado em 18 jul. 2013.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Criação de unidades de conservação**. 2013. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/criacao-de-unidades-de-conservacao.html>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

INTERNATIONAL FEDERATION OF SPORT CLIMBING. **Climbing competitions' history**. 2011?. Disponível em: <<http://www.ifsc-climbing.org/index.php/about-ifsc/what-is-the-ifsc/history>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

KRAKAUER, John. **No ar rarefeito**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

LUCE, Patrícia Campos; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; GOMES, Ana Maria Rabelo. Experiência, performance e práticas de aprendizagem: temas para pensar o lazer de forma não fragmentada. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 1-26, jun. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N02_ar3.pdf> Acesso em: 18 jul. 2013.

MACFARLANE, Robert. **Montanhas da mente**: histórias de um fascínio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Rev. Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

_____. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Os urbanistas**: Rev. Digital de Antropologia Urbana, v. 1, 2003. Disponível em: http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/rua_magnani.pdf>. acesso em: 18 jul. 2013.

MARINHO, Alcyane. Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva. **Licere**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 137-138, 2001.

MARSKI FILHO, Davi A. **História do montanhismo e da escalada**. Disponível em: <<http://www.marski.org/artigos/artigos-tecnicos/24-historia-do-montanhismo-e-da-escalada>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

_____. **Frase de A. Alvarez**. Disponível em: <http://www.marski.org/arquivosdownloads/doc_download/92--effect-of-exercise-on-cerebral-perfusion-in-humans-at-high-altitude>. Acesso em: 18 jul. 2013.

NAZARI, Juliano; GOMES, Ana Clara; OLIVEIRA, Thais Cristina de. Escalada: esporte e lazer, subsídios teóricos. **Educación Física y Deportes**: Rev. Digital, n. 117, feb. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd117/escalada-deporte-e-lazer.htm>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

NICLEVICZ, Waldemar. **O início do montanhismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.niclevicz.com.br/alpinismo/o-inicio-do-montanhismo-no-brasil>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

OLIVEIRA, Lucas. **Dia de culto**. 2012. Disponível em: <<http://www.pedraviva.net>>.

PAIXÃO, Jairo Antônio. TUCHER, Guilherme. Risco e aventura por entre as montanhas de Minas: a formação do profissional de esporte de aventura. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-19, set./dez. 2010.

PAPP, Tom. **Big wall**. 3 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.webventure.com.br/h/noticias/big-wall/24858>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

PARQUE Estadual dos Pirineus: Cocalzinho. 30 jun. 2003. disponível em: <<http://www.webventure.com.br/montanhismo/n/parque-estadual-dos-pirineus/9863>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

PENNEQUIN, Stéphane; MARSKI FILHO, Davi. A história e evolução dos Friends e proteções ativas. out. 2009. Disponível em: <<http://www.marski.org/artigos/artigos-tecnicos/207-friends>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

PEREIRA, Dimitri Wuo; MANOEL, M. L. O treinamento de escaladores de competição do estado de São Paulo. **Rev. Mineira de Educação Física**, Viçosa-MG, v. 17, p. 100-115, 2008. Disponível em: <<http://files.posaventura.com/200001664-7b0ae7cffb/O%20Treinamento%20de%20Escaladores%20de%20Competi%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____; NISTA-PICCOLO, V. L. **Escalada**: um esporte na ponta dos dedos. Revista Ciência e Movimento, 2010. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1083/1665>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

PILATTI, Luiz Alberto. Pierre Bourdieu: apontamentos para uma reflexão metodológica da história do esporte moderno. **Educación Física y Deportes**: Rev. Digital, Buenos Aires, v. 11, n.

97, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd97/bourdieu.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

PORTELA, Andrey. **A influência da fadiga no tempo de reação de praticantes de escalada em rocha**. 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Udesc, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/9/TDE-2007-04-11T083222Z-321/Publico/Dissertacao%20completa%20Andrey.pdf>. Acessado em: 18 jul. 2013.

PSICOBLOC no Brasil. 26 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.monstersports.com.br/blog/psicobloc-no-brasil>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

PSICOBLOC Nordeste: bastidores. Rio de Janeiro: Action Brasil TV, 2011. vídeo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zJ5JieB1Yzk>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

ROSA, Sabrina. **Sobre os conceitos de campo, capital e habitus em Pierre Bordieur**. 14 ago. 2010. Disponível em: <http://codigosdeacesso.blogspot.com.br/2010/08/sobre-os-conceitos-de-campo-capital-e_14.html>. Acessado em: 18 jul. 2013.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Priscila P. C, FREITAS, Clara M. S. **Emoções e riscos nas práticas na natureza: uma revisão sistemática**. Universidade de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.221-230, jan./mar. 2010.

SOUZA, Jorge dos Santos. **Na busca das trilhas**: um estudo sobre saberes matemáticos produzidos na prática da escalada esportiva. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Mestrado em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 2008. Disponível em: <[http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/JorgeSouza\[10461\].pdf](http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/JorgeSouza[10461].pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2013.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia. das Letras, 1983.

UNIÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE ALPINISMO. **History of the UIAA**. Disponível em: <<http://www.theuiaa.org/history.html>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

_____. Comissão de Montanhismo. **To bolt or not to be**. Disponível em: <<http://www.femerj.org/sobre-a-femerj/etica/153>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

ZAVASCHI, G. S. **Escalada**: uma via de autoconhecimento. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – PUCRS, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://projeloperegrinus.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html>. Acessado em: 18 jul. 2013.

ZIMMERMANN, Andrea. **Visitação nos parques nacionais brasileiros**: um estudo à luz das experiências do Equador e da Argentina. 2006. 279 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3599/1/2006_Andrea%20Zimmermann.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2013.

11 ANEXOS

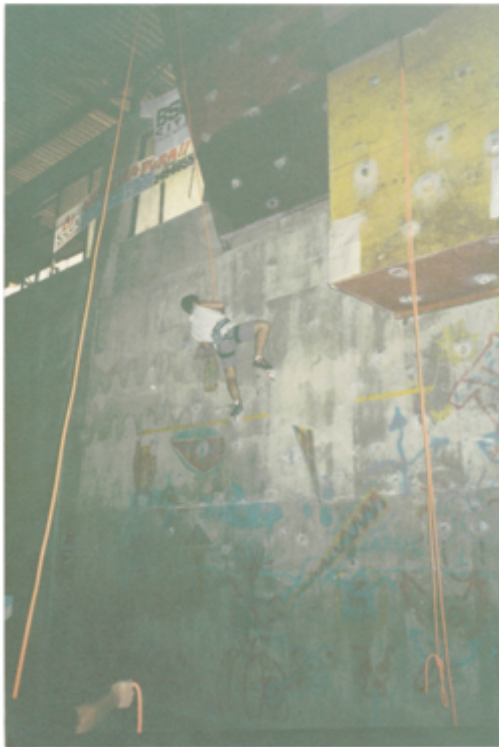
11.1 Todas essas fotos fazem parte do álbum pessoal do meu amigo e professor Rodrigo Lopes. Esses são registros históricos, não só de uma trajetória de vida mas da escalada no Distrito Federal e em seus arredores.



Capelinha, Morro dos Três Picos – GO. 1998.



Muro da UnB, em 2004 e em 1997.





Muros que existiam e não
existem mais: Open Sports
e Setor Leste. 1997.



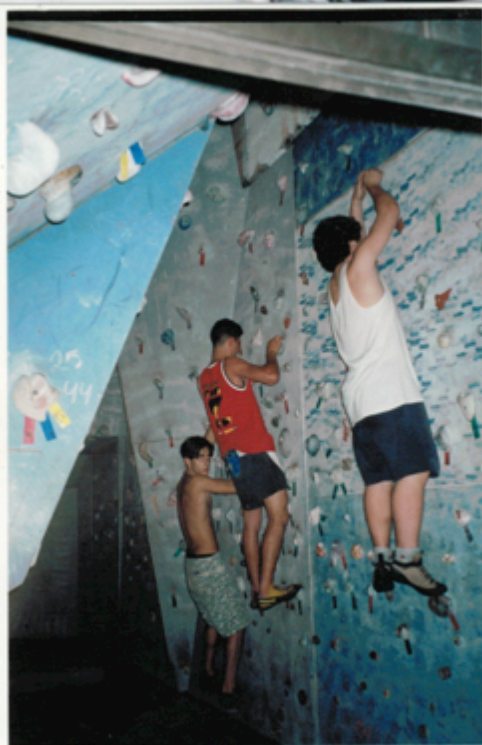


Muros caseiros. Entre 1995 a 2000.
Primeiro e terceira foto: CAIR – Centro
de Atividades Inúteis do Ratão. Maurício
Martins dono da Itakamã Aventura.

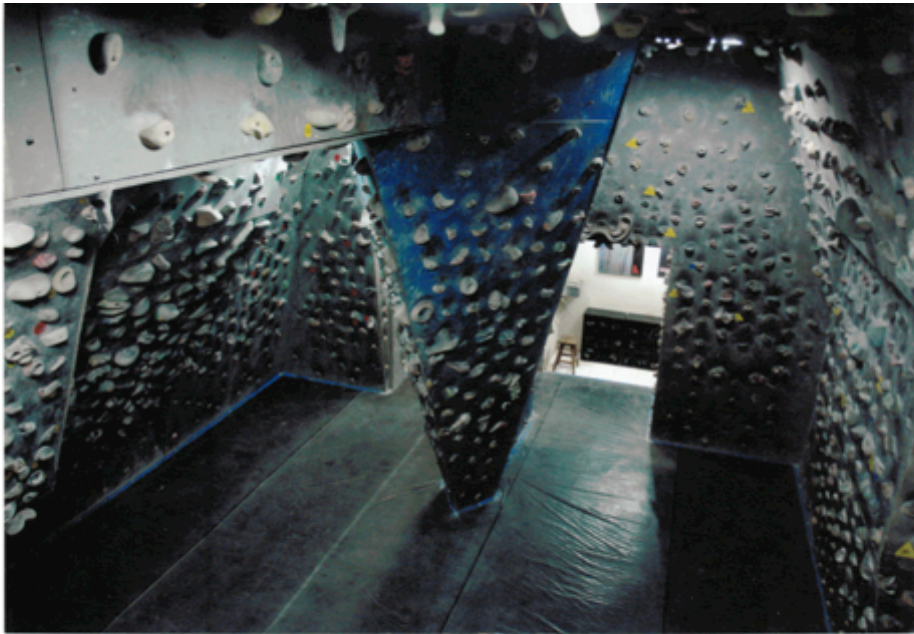
Segundo muro: Casa do Rafael Cerejo.



Ibiti. 1999. “Primeira fase” Quando Bera começou a dar aulas.



Ibiti depois de uma reforma. 2002. “Segunda fase”. Bera dando aula.



Ibiti ainda na “segunda fase”. 2006. Loja antes de “mudar de lado”.



Ibiti depois de mais uma reforma, agora com o “tetão”. “Terceira fase”. 2011. Luiz Henrique Schaefer escalando.



Escalada de vias esportivas no Morro do Cabeludo, antes da proibição. 2000.



Escalada de *boulder* em Cocal.

Primeira foto: Bera escalando o *boulder* “Cuca”. Setor Saci. Duda e Alessandro *na seg.* 2000. Segunda foto: Bera escalando. *Na seg.*: Duda, Alessandro, Carica, Gilberto Índio. Boulder “Os escrotinhos”. Um dos primeiros *boulders* de Cocal. 2000.



Bera escalando. Setor 007. Também um dos primeiros *boulders* de Cocal. 2000.



Nas duas primeiras fotos, escalada na Fercal. A segunda foto registra a primeira escalada em rocha de Bera, em 1993. Terceira foto: em Unaí. Vinícius Toiaba Leandro Costa (Fuka), e Matheus Mandi, em 2005.



Bera escalando a via *Bacurau*. Duda fazendo a seg. 2002.



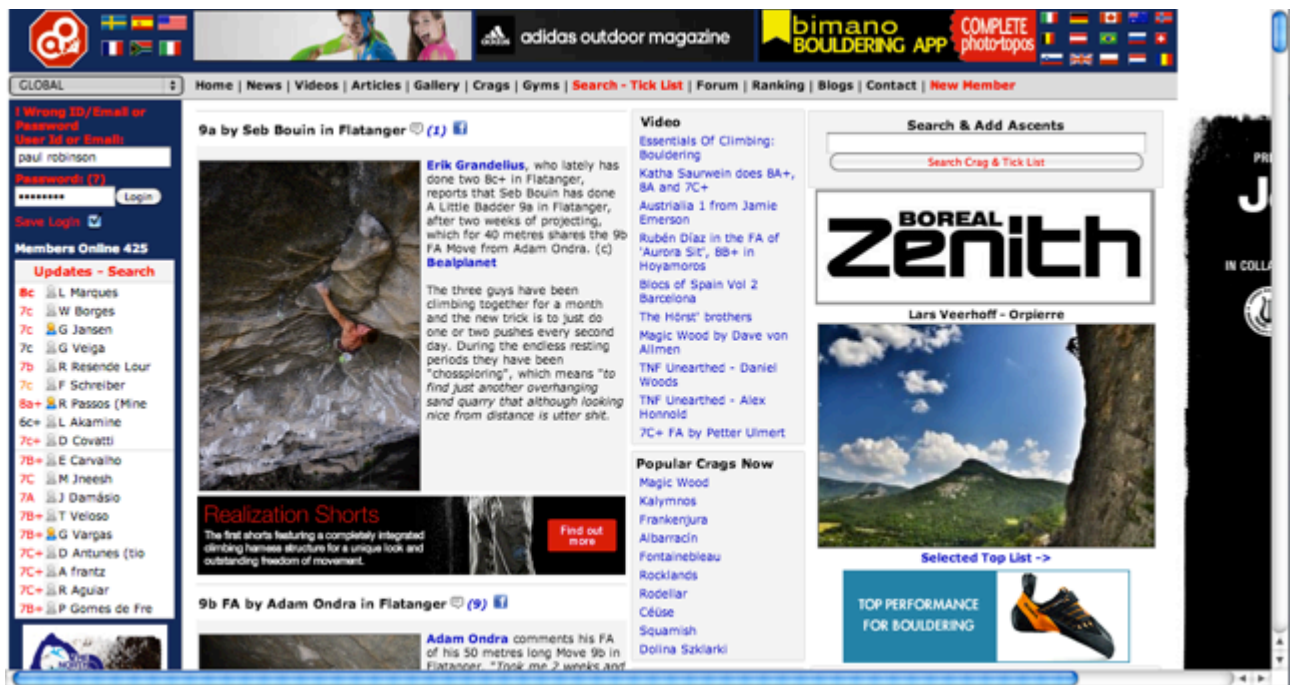
Escalada de vias em Belchior. 2004. Primeira foto, da direita para esquerda: Rodrigo, Demian, Rafinha, “Preto”, Yuri Solmona, Pedro Raphael e Guilherme “Horse”

Terceira foto: Bera escalando a via Lápides. 2006

11.2 Tabela que está sendo confeccionada pela AEP com informações centrais sobre os principais locais de escalada dentro do estado de Goiás e suas informações centrais.

Local	Município	Estado	Situação	Nome dado pelos escaladores	Classificação da área	Plano de Manejo	Órgão responsável:
Morro do Urubu	RA, Fercal	DF	Aberto	Fercal	APA	Não	?
Parque Estadual dos Pinus	Pirenópolis	GO	Parcialmente	Cocal ou Cocalzinho	Unidade de Conservação	Em andamento	SEMARH
Sítio Selva de Pedra	Água Fria do Goiás	GO	Aberto	Belchior	Propriedade Privada	Não	?
Morro do Macaco	Pirenópolis	GO	Aberto	Morro do Macaco	Propriedade Privada Sr. Irno	Não	?
Cidade de Pedra	Pirenópolis	GO	Aberto	Cidade de Pedra	Unidade de Conservação (monumento natural municipal de pirenópolis -propriedade Privada disputa	Era para ter, se tem não sei	SEMARH é estadual, deve ser algum órgão ambiental municipal
Fazenda Avaras	Fomosa	GO	Aberto	Buraco das Avaras	Propriedade Privada	Não	ICMbio
Sertão Zen	Alto Paraíso	GO	Aberto	Sertão Zen	Unidade de Conservação	Sim	?
Parque Estadual de Terra Ronca	São Domingos	GO	Parcialmente	Terra Ronca	Unidade de Conservação	Em andamento	SEMARH
Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros	Alto Paraíso	GO	Aberto	Cachoeira do Vale Rio do Macaco	Unidade de Conservação	Sim	SEMARH
Cristalina	Cristalina	GO	Parcialmente	Cristalina	Propriedade Privada	?	?
Pedra do Canto	Unai	MG	Aberto	Pedra do Canto	?	?	?
Caldas Novas	Caldas Novas	GO	Aberto	Pedra do Erci	Propriedade Privada	Não	?
Caldas Novas	Caldas Novas	GO	Aberto	Pedra do Fiu	Propriedade Privada	Não	?
Caldas Nov/Parneri	Caldas Nov/Parneri	GO	Aberto	Ponte Rio Corumbá	Lago Hidroelétrica	Não	?
Pogo Azul	DF	DF	Aberto	Pogo Azul	?	?	?
Macaquinho	?	GO	Aberto	Macaquinho	?	?	?
Macaco	?	GO	Aberto	Macaco	?	?	?
Rio dos Couros	?	GO	Aberto	Rio dos Couros	?	?	?
Boulders depous de Alto Paraíso	Alto Paraíso	GO	Aberto	??????????	?	?	?
Altiplano Leste	Altiplano Leste	DF	Aberto	Toca do Gambá	?	?	?
Ipora	Ipora	GO	Aberto	Ipora	Propriedade Privada	Não	?
pedreira da macumba	goiania	GO	Parcialmente	pedreira	??????????	Não	?
niquelândia	niquelândia	GO	Aberto	niquelândia	Propriedade Privada	Não	?
pedra bonita	não lembro	GO	Fechado	pedra bonita	Propriedade Privada	Não	?
Buraco das Avaras	Fomosa	GO	Aberto	Buraco das Avaras	Propriedade Privada	?	?
Toca da Onça	Fomosa	GO	Parcialmente	Toca da Onça	?	?	?
Via Propício	Via Propício	GO	Aberto	Via Propício	?	?	?
Pedreira da macumba	goiania	GO	Parcialmente	Pedreira	não sei	não	?
Pedra bonita	não lembro	GO	fechado	Pedra bonita	Propriedade Privada	não	?

11.3 Site 8a.nu. Print screen. Acesso em: 22 de agosto de 2013.



11.3.1. Site 8a.nu. Ranking Brasil. Print screen. Acesso em: 22 de agosto de 2013.

www.8a.nu/Index.aspx?CountryCode=BRA

Change Colours adidas outdoor magazine

Brazil Home | Articles | Gallery | Crag | Gyms | Search - Tick List | Forum | Ranking | Blogs | Contact | New Member

BRA / Combined | Junior / Combined | +35 / Combined | All Time / Combined | Junior / Combined | +35 / Combined | History |

Female | Most Viewed Scorecard | NEW Trad Ranking: BRA

Route Ranking: Top-10 climbs last 12 months				Boulder Ranking: Top-10 climbs last 12 months			
1	11 265	Lucas Marques	1981 BRA Uberlândia-MG	1	9 924	Rafael Fanfa	1979 BRA 4CLIMBROADROCKSUPPLIERAM420NIA
2	10 785	Ricardo Schen	1976 BRA FANATHC	2	9 900	Gustavo Fontes	1985 BRA Belo Horizonte
3	10 765	Rafael Passos	1986 BRA Brasília	3	9 810	alberto frantz	1981 BRA Curitiba
4	10 570	Lucas Trotta(Garrinha)	1993 BRA Itajubá	4	9 810	Daniel Antunes (tiodan)	BRA 4CLIMB
5	10 446	Marcio Gualberto	1973 BRA Jaraguá do Sul	5	9 790	Rafael Passos	1986 BRA Brasília
6	10 125	Caio Tombini	1979 BRA FANATHC	6	9 760	Frederico Bull	1984 BRA Sabará/Rock supplier
7	10 080	Júlio Kalango	1982 BRA Ribeirão Preto	7	9 663	Linha Alexandre Paranhos	1976 BRA UBT Boulder
8	10 050	Flavio Castagnari (Massa)	1977 BRA São Bento do Sapucaí/SP	8	9 648	Gustavo Veiga	1988 BRA Belo Horizonte
9	10 039	Sidney Schmitz	1974 BRA Curitiba	9	9 560	Tomaz Hamdan	1989 BRA ADRENA
10	10 030	Jamaina Xavier (f)	BRA FANATHC	10	9 356	Eric Yin	BRA Goiânia
11	9 990	Eric Yin	BRA Goiânia	11	9 345	Thiago Veloso	1900 BRA Florianópolis - Hippy Tree_Roc
12	9 941	Renato Passos (Mineiro)	BRA Pouso Alto	12	9 200	Rodrigo Aguiar	1985 BRA Brasília
13	9 918	arjuna sundara	BRA sao bento do sapucaí	13	9 103	Fernando Lucas Oliveira	1989 BRA Goiânia
14	9 903	Rafael Artico	1987 BRA Jaraguá do Sul	14	9 102	Newton Neto	BRA Goiânia
15	9 875	Gustavo Veiga	1988 BRA Belo Horizonte	15	9 082	Rodrigo Nunes	1984 BRA Rio de Janeiro
16	9 874	Edu Felício	1900 BRA HIPNOSE	16	9 082	matheus veloso	BRA florianopolis
17	9 852	Juliano Magalhães	1981 BRA Resende	17	8 950	Ney Gonçalves	1966 BRA Brasília
18	9 813	Daniel Antunes (tiodan)	BRA 4CLIMB	18	8 869	Christiano Borges	1982 BRA Goiânia
19	9 803	Gabriel Jansen	1990 BRA Curitiba	19	8 822	Lucas Trotta(Garrinha)	1993 BRA Itajubá
				20	8 795	Diego Santos	BRA Petrópolis